

## AS GRANDES CIDADES<sup>1</sup>

Warrington ou Newton; porque esta centralização da população exerce igualmente o seu efeito sobre o comércio exactamente da mesma maneira e é por isso que alguns portos (Liverpool, Bristol, Hull e Londres) monopolizam quase todo o comércio marítimo do Império Britânico.

Dado que a indústria e o comércio se desenvolvem mais perfeitamente nas grandes cidades é, pois, igualmente aí que aparecem mais manifesta e claramente as consequências que exercem sobre o proletariado. Foi aí que a centralização dos bens atingiu o seu grau mais elevado, foi aí que os costumes e as condições de vida do bom velho tempo foram mais radicalmente destruídos; foi aí que se chegou a um ponto em que a expressão *Old Merry England*<sup>2</sup> já não tem nenhum sentido, porque já nem se reconhece esta velha Inglaterra pela recordação e pela descrição dos avós. Também é por isso que já não há aí senão uma classe rica e uma classe pobre, porque a pequena burguesia cada dia desaparece mais. Ela que, outrora, era a classe mais estável, tornou-se agora a mais instável; já não se compõe senão de alguns vestígios de uma época revolucionada e dum certo número de pessoas que bem queriam fazer fortuna, cavaleiros da indústria e especuladores perfeitos, dos quais um em cada cem enriquece, enquanto os outros 99 falham e, destes 99, mais de metade só vive de falhanços.

Mas a imensa maioria destas cidades é constituída por proletários, e agora o objecto do nosso estudo vai ser saber como vivem e qual a influência que a grande cidade exerce sobre eles.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Ed. Afontamento, 1975.

Uma cidade como Londres, onde podemos andar horas a fio sem sequer chegar ao princípio do fim, ou descobrir o menor indício que assinale a proximidade do campo, é de facto um caso singular.

Esta enorme centralização, este amontoado de 2,5 milhões de seres humanos num único sítio, centuplicou o poder destes 2,5 milhões de homens. Ela elevou Londres às alturas de capital comercial do mundo, criou docas gigantescas e reuniu milhares de navios, que cobrem continuamente o Tamisa. Não conheço nada mais imponente que o espectáculo oferecido pelo Tamisa, quando subimos o rio desde o mar até à ponte de Londres. A massa de casas, os estaleiros navais de cada lado, sobretudo acima de Woolwich, os numerosos navios dispostos ao longo das duas margens, apertando-se cada vez mais cerradamente uns contra os outros, a ponto de, por fim, não deixarem senão um estreito canal a meio do rio, sobre o qual se cruzam a toda a velocidade uma centena de barcos a vapor — tudo isto é tão gracioso, tão enorme, que nos sentimos atordoados e ficamos estupe-

<sup>2</sup> A boa velha Inglaterra.

<sup>1</sup> Em *O Capital* (Editions Sociales, L. 1.º; T. III, pp. 97-106). Marx aborda resumidamente as condições de habitação e alimentação dos operários ingleses no período seguinte (20 anos mais tarde). É interessante comparar as suas indicações com as que Engels fornece neste capítulo.

factos com a grandeza da Inglaterra ainda antes de pôr o pé em terra<sup>2</sup>.

Quanto aos sacrificios que tudo isto custou, só os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos durante alguns dias o empedrado das ruas principais, de a custo termos aberto passagem através da multidão, das filas sem fim de carros e carroças, depois de termos visitado os «bairros de má reputação» desta metrópole, só então começamos a notar que estes londrinos tiveram que sacrificar a melhor parte da sua qualidade de homens para realizarem todos estes milagres da civilização de que a cidade regorgita, que cem forças que neles dormiam ficaram inactivas e foram neutralizadas para que só algumas se pudessem desenvolver mais e fossem multiplicadas pela união com as dos outros. Até a própria multidão das ruas tem, por si só, qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Estas centenas de milhares de pessoas, de todos os estados e todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão *todas* seres humanos possuindo as mesmas qualidades e capacidades e o mesmo interesse na procura da felicidade? E não deverão, enfim, procurar a felicidade com os mesmos métodos e processos? E, contudo, estas pessoas cruzam-se a correr, como se nada tivessem de comum, nada a realizar juntas, e a única convenção que existe entre elas é o acordo tácito pelo qual cada um ocupa a sua direita no passeio, a fim de que as duas correntes da multidão que se cruzam não se constituam mutuamente obstáculo; e, contudo, não vem ao espírito de ninguém a ideia de conceder a outrém um olhar sequer. Esta indiferença brutal, este isolamento insensível de cada indivíduo no seio dos seus interesses particulares, são tanto mais repugnantes e chocantes, quanto é maior o número destes indivíduos confinados neste reduzido espaço. E mesmo quando sabemos que este isolamento do indivíduo, este egoísmo mesquinho, é em toda a parte o princípio fundamental da sociedade actual, em parte alguma ele se manifesta com uma impudência, uma segurança tão completa como aqui, precisamente, na confusão da grande cidade. A desagregação da humanidade em células, das quais cada uma tem um princípio de vida próprio e um objectivo parti-

<sup>2</sup> (1892) Isto refere-se ao tempo dos pitorescos veleiros. Actualmente o Tamisa não é mais do que um lúgubre amontoado de vapores horrendos, negros de fuligem (F. E.).

cular, esta atomização do mundo, é aqui levada ao extremo.

Disto resulta também que a guerra social, a guerra de todos contra todos, é aqui abertamente declarada. Tal como o amigo Stirner<sup>3</sup>, as pessoas não se consideram reciprocamente senão como sujeitos utilizáveis; cada um explora o parceiro, e o resultado é que o forte calca aos pés o fraco e que o pequeno número de fortes, quer dizer, os capitalistas, se apropriam de *tudo*, enquanto que ao grande número de fracos, aos pobres, não lhes resta senão a própria vida, e à justa.

E o que é verdade para Londres, é-o também para Manchester, Birmingham e Leeds, é verdadeiro para todas as grandes cidades. Em toda a parte, bárbara indiferença, dureza egoísta, de um lado, e miséria indestrutível, por outro, em toda a parte guerra social, a casa de cada um em estado de sítio, em toda a parte pilhagem recíproca a coberto da lei e tudo com um cinismo e uma franqueza tais que nos assustamos com as consequências do nosso estado social, tais como aqui nos aparecem na sua nudez e que já nada nos espanta, excepto que este mundo louco ainda se não tenha desmembrado.

Dado que o capital, a propriedade directa ou indirecta das subsistências e dos meios de produção, é a arma com que se luta nesta guerra social, é claro como a luz que o pobre suporta todas as desvantagens de tal situação; ninguém se preocupa com ele. Lançado neste turbilhão caótico, tem que se debater como puder. Se tem a felicidade de encontrar trabalho, quer dizer, se a burguesia lhe faz o favor de se enriquecer à sua custa, espera-o um salário que mal chega para o manter nesta terra; se não encontrar trabalho, pode roubar, se não temer a polícia, ou ainda morrer de fome, caso em que a polícia velará para que morra de forma tranquila e inofensiva.

Durante a minha estadia em Inglaterra, a causa directa da morte de 20 a 30 pessoas foi a fome, nas mais revoltantes condições, e, na altura do inquérito mortuário<sup>4</sup>, raramente se encontrou um júri que tivesse a

<sup>3</sup> MAX STIRNER, pseudónimo de Johann Caspar SCHMIDT (1806-1856): Filósofo e escritor alemão. Um dos ideólogos do individualismo burguês e do anarquismo. A sua obra mais conhecida é *Der Einzige und sein Eigenthum* (O Único e a sua Propriedade), Leipzig, 1845.

<sup>4</sup> Para qualquer morte violenta ou suspeita, o coroner (oficial da polícia) procedia, assistido por um júri, a um inquérito e estava encarregado de ver o cadáver.

coragem de o dar a conhecer claramente. Os depoimentos das testemunhas bem podiam ser claros, desprovidos de qualquer equívoco, que a burguesia — no seio da qual tinha sido escolhido o júri — encontrava sempre um pretexto que lhe permitia escapar a este terrível veredicto: morto de fome<sup>6</sup>. A burguesia não ousa, nestes casos, dizer a verdade, visto que se condenaria a si própria. Mas indirectamente também morreram muitas pessoas de fome — muitas mais do que directamente — porque a falta contínua de géneros alimentícios suficientes provocou doenças mortais, e deste modo fez vítimas; elas viram-se tão enfraquecidas, que certos casos que noutras circunstâncias teriam evoluído favoravelmente, implicavam necessariamente graves doenças e a morte. Os operários ingleses chamam a isto «crime social», e acusam toda a nossa sociedade de os cometer continuamente. Estarão errados?

Claro que só morrem de fome indivíduos isolados, mas em que garantias se poderá basear o trabalhador para crer que a sua vez não chegará amanhã? Quem lhe assegura o trabalho? Quem é que lhe garante que se amanhã o patrão o puser na rua, seja qual for a razão, ele poderá aguentar-se, a si e à família, até encontrar um outro «que lhe dê o pão»? Quem garante pois ao trabalhador que a vontade de trabalhar basta para arranjar emprego, que a probidade, o zelo, a economia e numerosas outras virtudes que a ajuizada burguesia lhe recomenda, são realmente para ele o caminho da felicidade? Ninguém. Ele sabe que hoje possui alguma coisa mas que não depende de si conservá-la ainda amanhã; sabe que o menor suspiro, o menor capricho do patrão, a menor conjuntura comercial desfavorável, o lançarão no turbilhão desencadeado do qual escapou temporariamente e onde é difícil, muitas vezes impossível, manter-se à superfície. Sabe que se tem hoje meios de subsistência pode não os ter amanhã.

Entretanto, passemos agora a um exame mais detalhado do estado em que a guerra social mergulha a classe que nada possui. Vejamos que salário a sociedade paga ao trabalhador em troca do seu trabalho, sob a forma de habitação, vestuário e alimentação, que existência é que ela assegura aos que mais contribuem para

<sup>6</sup> Sobre este problema, cf. R. F. WEARMOUTH: *Methodism and the Struggle of the working classes, 1850-1890*, 1954, pp. 25-30.

a sua existência; consideraremos em primeiro lugar as habitações.

Todas as grandes cidades possuem um ou vários «bairros de má reputação» — onde se concentra a classe operária. É certo que é frequente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palácios dos ricos, mas, em geral, designaram-lhe um lugar à parte, onde, ao abrigo dos olhares das classes mais felizes, tem de se safar sozinha, melhor ou pior. Estes «bairros de má reputação» são organizados em toda a Inglaterra mais ou menos da mesma maneira, as piores casas na parte mais feia da cidade; a maior parte das vezes são construções de dois andares ou de um só, de tijolos, alinhadas em longas filas, se possível com caves habitadas e quase sempre irregularmente construídas. Estas pequenas casas de três ou quatro divisões e uma cozinha chamam-se *cottages* e constituem vulgarmente em toda a Inglaterra, excepto nalguns bairros de Londres, as habitações da classe operária. Habitualmente, as próprias ruas não são planas nem pavimentadas; são sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, mas em contrapartida semeadas de charcos estagnados e mal cheirosos. Para além disso, o arejamento torna-se difícil, pela má e confusa construção de todo o bairro, e como aqui vivem muitas pessoas num pequeno espaço, é fácil imaginar o ar que se respira nestes bairros operários. De resto, as ruas servem de secadouro, quando há bom tempo; estendem-se cordas dum casa à casa fronteira, onde se pendura a roupa branca e húmida.

Examinemos alguns destes bairros miseráveis. Temos primeiro Londres<sup>6</sup> e em Londres o célebre «Ninho dos Corvos» (*Rookery*), St. Giles, onde se vão, finalmente, rasgar algumas ruas largas e que assim deverá ficar destruído. St. Giles fica no meio da parte mais populosa da cidade, rodeado de ruas largas e luminosas, onde se afadiga a gente bem londrina — muito perto de Oxford

<sup>6</sup> Desde que redigi esta nota, tenho debaixo dos olhos um artigo sobre os bairros operários de Londres, no *Illuminated Magazine* (Out. 1844), que concorda em muitas passagens quase palavra por palavra com o meu. Intitula-se «The Dwellings of the Poor, from the notebook of a M. D.» [«As habitações dos pobres, segundo o caderno de apontamentos de um M. D.»] (Doutor em Medicina) (F. E.).

<sup>\*</sup> Pp. 336-340. São as iniciais do autor, J. H., figuram nesta revista de que existe um exemplar no British Museum.

Street, de Regent Street, de Trafalgar Square e do Strand. É uma massa de casas de três ou quatro andares, construídas sem plano, com ruas tortuosas, estreitas e sujas onde reina uma animação tão intensa como nas ruas que atravessam a cidade, com a diferença de em St. Giles só se verem pessoas da classe operária. O mercado está instalado nas ruas: cestos de legumes e de frutos, todos naturalmente de má qualidade e dificilmente comestíveis, ainda reduzem a passagem, e deles emana, bem como dos talhos, um cheiro repugnante. As casas são habitadas das caves aos telhados, são tão sujas no interior como no exterior e têm um tal aspecto que ninguém ai desejaria habitar. Mas isto ainda não é nada ao pé dos alojamentos nos pátios e vielas transversais onde se chega através de passagens cobertas, e onde a sujeidade e a ruína ultrapassam a imaginação; não se vê, por assim dizer, um único vidro inteiro, as paredes estão leprosas. Os batentes das portas e os caixilhos das janelas estão quebrados ou descolados, as portas — quando as há — são feitas de pranchas velhas pregadas juntas; aqui, mesmo neste bairro de ladrões, as portas são inúteis porque não há nada para roubar. Em toda a parte montes de detritos e de cinzas e as águas usadas vertidas em frente às portas acabam por formar charcos nauseabundos. É ai que habitam os mais pobres dos pobres, os trabalhadores mais mal pagos, com os ladrões, os escroques e as vítimas da prostituição, todos misturados. A maior parte são irlandeses ou descendentes de irlandeses, e os que ainda não se submergiram no turbilhão desta degradação moral que os rodeia, mergulham nela cada vez mais, perdem todos os dias um pouco mais da força de resistir aos efeitos desmoralizantes da miséria, da sujeidade e do meio.

Mas St. Giles não é o único bairro miserável de Londres. Neste gigantesco labirinto de ruas, existem centenas de milhares de ruas e ruelas estreitas, cujas casas são demasiado miseráveis para quem quer que possa ainda consagrar uma certa quantia a uma habitação humana e, muitas vezes, é mesmo ao pé das luxuosas casas dos ricos que se encontram estes refúgios da mais atroz miséria. Foi assim que, recentemente, no decurso de um inquérito mortuário, se qualificou um bairro muito perto de Portman Square, praça pública muito conveniente, de morada de uma «multidão de irlandeses desmoralizados pela sujeidade e pobreza». Foi assim que se descobriu em ruas como Long-Acre, etc., que sem serem

«chiques» são apesar de tudo convenientes, um grande número de alojamentos em caves de onde surgem as silhuetas de crianças doentes e mulheres esfarrapadas, meio mortas de fome. Nas cercanias do Teatro Drury-Lane — o segundo de Londres — encontram-se algumas das piores ruas da cidade (ruas Charles, King e Parker) cujas casas, das caves ao telhado, também só são habitadas por famílias pobres. Nas paróquias de St. John e de St. Margaret, em Westminster, habitavam em 1840, segundo o jornal da Sociedade de Estatísticas<sup>1</sup>, 5 366 famílias de operários em 5 294 «habitações» — se se pode dar-lhes este nome — homens, mulheres e crianças, misturados sem preocupações de idade ou sexo, num total de 26 830 indivíduos<sup>2</sup>; e, deste número dessas famílias, 3/4 não possuíam senão uma divisão. Na aristocrática paróquia de St. George, Hanover Square, habitavam, segundo a mesma autoridade<sup>3</sup>, 1 465 famílias operárias com um total de cerca de 6 000 pessoas nas mesmas condições; e também aí mais de 2/3 das famílias amontoadas numa só divisão. E de que maneira as classes proprietárias exploram legalmente a miséria destes infelizes, em que os próprios ladrões já nada esperam encontrar! Pelos hediondos alojamentos de Drury-Lane, que referimos, pagam-se os seguintes alugueres: 2 quartos na cave, 3 shillings; um quarto no rés-do-chão, 4 shillings; no 1.º andar, 4,5 shillings; no 2.º andar, 4 shillings; mansardas, 3 shillings por semana. A ponto de os famélicos habitantes de Charles Street pagarem aos proprietários de imóveis um tributo anual de 2 000 libras esterlinas e as já citadas 5 336 famílias de Westminster um aluguer total de 40 000 libras esterlinas por ano.

Contudo, o maior bairro operário encontra-se a Este da Torre de Londres, em Whitechapel e Bethnal Green, onde se concentra a grande massa de operários da cidade. Escutemos o que diz M. G. Aiston, pregador de St. Philip, em Bethnal Green, do estado da sua paróquia:

Ela conta 1 400 casas habitadas por 2 795 famílias, ou seja, cerca de 12 000 pessoas. O espaço em que habita esta importante população não chega a 400 jardas (1 200 pés) quadradas, e num tal amontoado não é raro

<sup>1</sup> Journal of the Statistical Society, vol. III, 1840, pp. 14/24.  
<sup>2</sup> O relatório oficial não dá senão 16 176. Engels retomou o número de Northern Star, n.º 338, 4 de Maio de 1844, p. 6.  
<sup>3</sup> Cf. WELD: On the Conditions of the Working Classes in the inner yard of St. George's Parish, Hanover Square, vol. VI.

encontrar um homem, a sua mulher, quatro ou cinco filhos e também por vezes o avô e a avó, num só quarto de 10 ou 12 pés quadrados, onde trabalham, comem e dormem. Creio que antes do bispo de Londres ter chamado a atenção do público para esta paróquia tão miserável ela era tão pouco conhecida na extremidade oeste da cidade como os selvagens da Austrália ou das ilhas dos mares austrais. E, se quisermos conhecer pessoalmente os sofrimentos destes infelizes, se os observarmos a comer a sua magra refeição e os virmos curvados pela doença e pelo desamprego, descobrimos uma tal soma de angústia e de miséria que uma nação como a nossa deveria ter vergonha que tal seja possível. Fui pastor perto de Huddersfield durante os três anos de crise, no pior momento de marasmo das fábricas, mas nunca vi os pobres numa miséria tão profunda como depois, em Bethnal Green. Não há um único pai de família em cada 10, em toda a vizinhança, que tenha outras roupas para além do seu fato de ganga, e este tão mau e tão esfarrapado quanto possível; muitos só têm para a noite como agasalhos estes farrapos e para a cama só têm um saco cheio de palha e de aparas<sup>10</sup>.

Esta descrição já nos mostra a que se assemelham habitualmente estes alojamentos. Por outro lado, vamos seguir as autoridades inglesas nalguns alojamentos de proletários, onde por vezes lhes acontece penetrar.

Por ocasião de uma inspecção mortuária levada a cabo pelo Sr. Carter, *coroner* do Surrey, no corpo de Ann Galway<sup>11</sup>, de 45 anos de idade, em 14 de Novembro de 1843, os jornais descreveram a casa da defunta nestes termos: habitava no n.º 3, White Lion Court, Bermondsey Street, Londres, com o marido e o filho de 19 anos, num quarto onde não havia nem cama, nem lençóis, nem o mais pequeno móvel. Jazia morta ao lado do filho sobre um monte de penas, espalhadas sobre o seu corpo quase nu, porque não havia nem cobertores nem lençóis. As penas estavam de tal maneira coladas ao seu corpo, que o médico nem pôde observar o cadáver antes deste ter sido limpo; encontrou-o então totalmente descarnado e roído pelos vermes. Parte do soalho da sala estava escavado e esse buraco servia de retrete à família.

Na quinta-feira 15 de Janeiro de 1844, dois rapazes compareceram perante o tribunal de polícia de Worship

<sup>10</sup> Este relatório tinha sido publicado em primeiro lugar no órgão dos radicais *The Weekly Dispatch*. Foi publicado em seguida no jornal dos cartistas *Northern Star*, n.º 338, de 4 de Maio de 1844.  
<sup>11</sup> *The Times*, 17 de Novembro de 1843. *Northern Star*, n.º 315, 25 de Novembro de 1843.

Street em Londres, porque pressionados pela fome tinham roubado numa loja um pé de vaca meio cozido, que tinham devorado instantaneamente<sup>12</sup>. O juiz foi obrigado a forçar o inquérito e em breve obteve dos polícias os seguintes esclarecimentos: a mãe dos rapazes era viúva de um antigo soldado, que se tornara agente da polícia, e tinha passado muita miséria depois da morte do marido, para sustentar os nove filhos.

Habitava em Pool's Place, no n.º 2 de Quaker Street, em Spitalfields, na maior miséria. Quando o agente da polícia chegou a sua casa encontrou-a com seis dos filhos, literalmente empilhados num pequeno quarto das traseiras da casa, só tendo por móveis duas velhas cadeiras de vime sem fundo, uma pequena mesa com dois pés partidos, uma chavena partida e um pequeno prato... No atrió, uma pequena fogueira, e num canto tantos trapos quantos a toda a família. Só tinham como cobertor as próprias roupas. A pobre mulher contou que tinha sido obrigada a vender a cama no ano anterior, para arranjar comida; os lençóis tinha-os deixado como penhor no merceiro a troco de alguns alimentos, e tinha tido que vender tudo só para comprar pão. O juiz do tribunal de polícia concedeu a esta mulher um importante adiamento da Caixa dos Pobres.

Em Fevereiro de 1844, uma viúva de 60 anos, Theresa Bishop, foi recomendada, com a filha doente de 26 anos, aos cuidados do juiz do tribunal de polícia de Marlborough Street<sup>13</sup>. Habitava o n.º 5 de Brown Street, Grosvenor Square, num pequeno quarto do pátio, que não era maior que um armário, e onde não havia um único móvel. Num canto estavam alguns trapos onde ambas dormiam; um caixote servia ao mesmo tempo de mesa e de cadeira. A mãe ganhava uns tostões trabalhando a dias; o proprietário disse que viviam naquela situação desde Maio de 1843, tinham vendido ou empenhado aos poucos tudo o que ainda possuíam, e apesar disso nunca tinham pago o aluguer. O juiz fez com que lhe dessem uma pensão de uma libra na Caixa dos Pobres.

De modo algum pretendo que *todos* os trabalhadores londrinos vivam na mesma miséria que as três famílias citadas; sei muito bem que por cada homem que

<sup>12</sup> *The Times*, 16 de Janeiro de 1844, p. 7, col. 2.  
<sup>13</sup> *The Times*, 12 de Fevereiro de 1844, p. 7, col. 6.

vive esmagado sem piedade pela sociedade, 10 vivem melhor, mas afirmo que milhares de corajosas e laboriosas famílias — muito mais corajosas e honradas que todos os ricos de Londres — se encontram nesta situação indigna de um homem e que todo o proletário, sem qualquer excepção, sem que a culpa seja sua e apesar de todos os esforços, pode vir a ter a mesma sorte.

Mas no fim de contas, os que possuem um tecto, seja ele qual for, ainda são felizes ao pé daqueles que nem isso têm. Em Londres levantam-se todas as manhãs 50 000 pessoas sem saberem onde repousarão a cabeça na noite seguinte. Os mais felizes dentre eles são os que conseguem conservar 1 ou 2 pence até à noite e ir para os «dormitórios públicos» (Lodging-house) que existem em grande número em todas as grandes cidades e onde lhes é dado asilo em troca do seu dinheiro. Mas que asilo! A casa está cheia de camas de alto a baixo, 4, 5, 6 camas numa sala, tantas quantas lá possam caber. Em cada cama empilham-se 4, 5, 6 pessoas, também tantas quantas lá caibam, doentes e de boa saúde, velhos e jovens, homens e mulheres, bêbados e pessoas sóbrias, tal é o quadro, com todos à mistura. Discutem, agridem-se, ferem-se, preparam roubos e entregam-se a práticas cuja bestialidade a nossa língua humanizada se recusa a descrever<sup>14</sup>. E os que não podem pagar esse alojamento? Pois bem, esses dormem em qualquer lugar, nas esquinas, sob as arcadas, num recanto qualquer, onde a polícia e os proprietários os deixem dormir tranquilos; alguns vivem em asilos construídos aqui e ali por obras de beneficência privadas, outros dormem nos bancos dos parques, mesmo debaixo das janelas da Rainha Vitória. Escutemos o que diz o *Times*<sup>15</sup> de 12 de Outubro de 1843.

Ressalta da nossa secção de polícia de ontem, que em média dormem 50 pessoas todas as noites nos parques, tendo como única protecção contra as intempéries, as árvores e alguns buracos no cais. A maior parte são raparigas, que, seduzidas por soldados, foram trazidas para a capital e abandonadas neste vasto mundo, lançadas na miséria duma cidade estranha, vítimas inconscientes e precoces do vício.

<sup>14</sup> Cf. HUMPHREY HOUSE: *The Dickens World*, 1941, pp. 217 e seguintes.

<sup>15</sup> O grande jornal conservador tinha sido fundado em 1785 sob o nome de «Daily Universal Register». Só em 1788 tomou o seu nome actual.

É na realidade assustador. Pobres, é preciso que os haja. A necessidade há-de abrir caminho por toda a parte e instalar-se com todos os seus horrores no coração duma grande e florescente cidade. Nos milhares de becos e vielas de uma metrópole populosa haverá sempre necessariamente — assim o tememos — muita miséria que fere a vista, e muita que nunca aparecerá à luz do dia.

Mas que no círculo traçado pela riqueza, a alegria e o luxo, que mesmo ao pé da grandeza real de St. James, nas proximidades do faustoso palácio de Bayswater, onde se encontram o antigo bairro aristocrático e o novo, numa parte da cidade onde o requinte da arquitectura moderna se absteve prudentemente de construir a mais pequena cabana para a pobreza, num bairro que parece estar exclusivamente consagrado aos prazeres da riqueza, que, precisamente aí, se venham instalar a fome e a miséria, a doença e o vício com todo o seu cortejo de horrores, consumindo corpo atrás de corpo, alma atrás de alma!

É realmente um estado de coisas monstruoso. As melhores sensações que podem proporcionar a saúde física, a euforia intelectual, e os mais inocentes prazeres dos sentidos, lado a lado com a mais cruel miséria! A riqueza rindo-se do alto dos seus brilhantes salões, rindo-se com uma brutal indiferença, mesmo ao lado das feridas ignoradas da indigência! A alegria, zombando inconsciente mas cruelmente do sofrimento que geme ali em baixo! Presentes todos os contrastes, todas as oposições, excepto uma: o vício que conduz à tentação, alia-se ao que se deixa tentar!

Mas que todos os homens reflitam: no bairro mais brilhante da cidade mais rica do mundo, noite após noite, inverno após inverno, há mulheres, jovens na idade, envelhecidas pelos pecados e sofrimentos, banidas da sociedade, atoladas na fome, na sujidade e na doença. Que pensem e aprendam, não a construir teorias, mas a agirem. Deus sabe que há ali hoje muito trabalho para ser feito<sup>16</sup>.

Mais acima falei dos asilos para desabrigados — dois exemplos mostrar-nos-ão como estão atravancados. Um *Refuge of the Houseless*<sup>16</sup>, construído recentemente na Uper Ogle Street, com capacidade para albergar todas as noites 300 pessoas, acolheu desde a sua abertura, a 27 de Janeiro, até 17 de Março de 1844<sup>17</sup>, 2 740 pessoas

<sup>16</sup> *The Times*, 12 de Outubro de 1843, p. 4, col. 3.

<sup>17</sup> Asilo para desabrigados.

<sup>18</sup> *The Times* mencionou este asilo várias vezes nos seus n.ºs 5, 9 e 12 de Fevereiro de 1844. Sobre estes asilos e o seu papel na história da filantropia inglesa, cf. A. F. YOUNG e E. T. ASHTON: *British Social Work in the 19th Century*, 1956, pp. 51 e 84-85.

por uma ou várias noites, e embora o tempo se tornasse menos rigoroso, o número de pedidos aumentou consideravelmente tanto neste como nos asilos de Whitecross Street e de Wapping, e todas as noites uma multidão de desabrigados teve de ser rejeitada por falta de lugar. Num outro, o asilo central de Playhouse Yard, equipado com cerca de 460 camas, nos três primeiros meses do ano de 1844 albergou um total de 6 681 pessoas e distribuíram-se 96 141 rações de pão. Contudo, o comité dirigente declarou que este estabelecimento só em certa medida se tinha tornado suficiente face à afluência de indigentes depois do asilo de leste ter sido aberto para acolher os desabrigados <sup>18</sup>.

Deixemos Londres e percorramos cada uma das outras grandes cidades do Reino Unido. Vejamos primeiro Dublin, cidade cujo acesso ao mar é tão encantador como o de Londres é imponente: a baía de Dublin é a mais bela das ilhas britânicas e os irlandeses gostam de a comparar à de Nápoles. A própria cidade tem muitas belezas <sup>19</sup> e os seus bairros aristocráticos foram mais bem construídos e com mais gosto do que os de qualquer outra cidade britânica. Mas, em contrapartida, os bairros mais pobres de Dublin contam-se entre os mais repugnantes e mais sujos que se possam imaginar. É que o carácter nacional dos irlandeses, que em certas circunstâncias só estão à vontade na sujidade, tem aqui importância, mas como também encontramos em todas as grandes cidades da Inglaterra e da Escócia milhares de irlandeses e como toda a população pobre acaba necessariamente por sucumbir na mesma sordidez, a miséria em Dublin nada tem de específico, característico de cidade irlandesa, é pelo contrário um traço comum a todas as grandes cidades do mundo. Os bairros pobres de Dublin são extremamente grandes e a sujidade, a inabitabilidade das casas, o abandono a que estão votadas as ruas, ultrapassam o que se possa imaginar. Podemos fazer uma ideia de como os pobres estão amontoados ao tomarmos conhecimento de que, em 1817, segundo o relatório dos inspectores da Casa de Trabalho <sup>20</sup>, 1 318 pessoas habitavam na Barrack

<sup>18</sup> The Times, 22 de Dezembro de 1843, p. 3, col. 6. Northern Star, n.º 320, 30 de Dezembro de 1843, p. 6, col. 2.

<sup>19</sup> Na ed. de 1892, esta palavra está no singular: A cidade é muito bela...

<sup>20</sup> Citado no Dr. W. P. ALISON, F.R.S.E., Fellow and late President of the Royal College of Physicians, etc.: Observations on

Street em 52 casas com 390 quartos e 1 997 pessoas na Church Street e arredores, repartidas por 71 casas com 393 quartos; que:

neste bairro e no bairro vizinho há uma multidão de ruelas e de pátios com odor nauseabundo («foula»), que muitas caves só recebem a luz do dia pela porta e que, em várias delas, os habitantes se deitam no chão nu, embora a maior parte deles tenha pelo menos as armações da cama. Michelson's Court, por exemplo, tem 151 pessoas vivendo em 23 miseráveis quartos, na maior miséria, a ponto de só se terem encontrado em todo o edifício 2 armações de cama e dois cobertores.

A pobreza é tão grande em Dublin que a única organização de beneficência, a *Mendicity Association* <sup>21</sup>, acolhe 2 500 pessoas por dia, portanto um por cento da população total, alimentando-as de dia e despedindo-as à noite.

É em termos análogos que o doutor Alison se refere a Edimburgo, uma cidade cuja esplêndida situação lhe valeu o nome de Atenas moderna, e em que o luxuoso bairro aristocrático da cidade nova contrasta brutalmente com a miséria crassa dos pobres da cidade velha. Alison afirma que este vasto bairro é tão sujo e hodiundo como os piores de Dublin e que a *Mendicity Association* teria uma proporção de pobres a socorrer tão grande como na capital irlandesa; ele diz até que os pobres na Escócia, sobretudo em Edimburgo e Glasgow, têm uma vida mais dura do que em qualquer outra região do império britânico e que os mais miseráveis não são os irlandeses mas os escoceses <sup>22</sup>. O pregador da *Old Church* de Edimburgo, o Dr. Lee, declarou em 1836 perante a *Commission of Religious Instruction* <sup>23</sup> que:

nunca tinha visto tanta miséria como na sua paróquia. As pessoas não tinham móveis, viviam sem nada; frequentemente viviam dois casais no mesmo quarto. Num

the Management of the Poor in Scotland and its Effects on the Health of Great Towns (Observações sobre a administração dos Pobres na Escócia e os seus efeitos sobre a higiene das grandes cidades) \*, Edimburgo, 1840. O autor é um piedoso tory, irmão do historiador Arch. Alison (F. E.).

<sup>21</sup> Associação de ajuda aos mendigos.

<sup>22</sup> Alison retoma, na verdade, uma afirmação do Reverendo Dr. Lee.

<sup>23</sup> Comissão para o ensino religioso.

\* O próprio Alison cita segundo F. BARKER e J. CHEYNE: *An account of the Rise, Progress and decline of the Fever lately epidemical in Ireland*, 1821, vol. II, pp. 160-161. As descrições de Engels destoam portanto um pouco.



dia tinha visitado sete casas diferentes onde não havia camas — algumas nem palha havia —; octogenários dormiam no soalho, quase todos conservavam de noite as roupas que traziam de dia; numa cave, encontrara duas famílias vindas do campo; pouco tempo depois de chegarem à cidade, tinham morrido duas crianças; e a terceira agonizava na altura da sua visita; para cada família havia um monte de palha suja num canto, e ainda por cima, a cave, que era tão escura que não podia distinguir-se um ser humano em pleno dia, servia de cavalariça a um burro. Até um coração duro como o diamante devia sangrar à vista de tal miséria, num país como a Escócia.

O Dr. Honnen refere factos análogos no *Edinburgh Medical and Surgical Journal*<sup>24</sup>. Um relatório parlamentar<sup>25</sup> mostra a sordidez — que, como seria de esperar em tais condições, reina nas casas dos pobres de Edimburgo. Galinhas transformaram as armações das camas em poleiros nocturnos, cães e até cavalos dormem com os homens nos *mesmos* quartos, e a consequência natural é que uma sujidade e um cheiro horríveis enchem as habitações, bem como um exército de vermes de toda a espécie<sup>26</sup>. A maneira como Edimburgo está construída favorece ao mais alto grau este estado de coisas. A velha cidade foi construída sobre as duas vertentes de uma colina, no cimo da qual passa a Rua Alta (High Street). Dela partem de ambos os lados uma multidão de vielas estreitas e tortuosas, chamadas *wynds*, por causa das suas numerosas sinuosidades, que descem a colina e constituem o bairro operário. As casas das cidades escocesas têm cinco ou seis andares tal como em Paris e — contrariamente às da Inglaterra, onde tanto quanto possível cada um tem a sua casa — são habitadas por numerosas fami-

<sup>24</sup> Vol. 14, 1818, pp. 408-465.

<sup>25</sup> Report to the Home Secretary from the Poor Law Commissioners on an Inquiry into the Sanitary Condition of the Labouring Classes of Great Britain. With Appendices. Presented to both Houses of Parliament in July 1842 (Relatório dos Comissários para a Lei dos Pobres, apresentado ao Ministro do Interior, de um inquérito sobre a situação sanitária da classe operária da Grã-Bretanha. Com apêndices. Apresentado às duas Câmaras do Parlamento em Julho de 1842). 3 vol. in fôlho; reunido e classificado segundo os relatórios médicos por Edwin Chadwick, secretário da comissão da Lei sobre os Pobres \* (F. E.).

<sup>26</sup> Engels resume uma passagem que na realidade diz respeito a Tranent, localidade situada a oito milhas de Edimburgo. A citação exacta figura na edição Henderson — Chaloner; op. cit., p. 42, nota 3.

\* Cf. 1843, XII, p. 395.

lias diferentes; a concentração de numerosas pessoas numa superfície restrita aumenta assim por causa disto.

Um jornal inglês<sup>27</sup>, num artigo sobre as condições sanitárias dos operários das cidades, afirma:

Estas ruas são em geral tão estreitas que se pode saltar de uma janela para a da casa em frente, e os edifícios apresentam por outro lado uma tal acumulação de andares que a luz mal pode penetrar no pátio ou na ruela que os separa. Nesta parte da cidade não há nem esgotos nem lavabos públicos ou retretes nas casas, e é por isso que as imundícies, detritos ou excrementos de, pelo menos, 50 000 pessoas são lançados todas as noites nas valetas, de tal modo que, apesar da limpeza das ruas, há uma massa de excrementos secos com emanções nauseabundas, que não só ferem a vista e o olfacto, como, por outro lado, representam um perigo extremo para a saúde dos habitantes. Será para admirar que em tais sítios se negligenciem os mínimos cuidados com a saúde, os bons costumes e até as regras mais elementares da decência? Pelo contrário, todos os que conhecem bem a situação dos habitantes testemunharão o alto grau que a doença, a miséria e a ausência de moral ali atingiram. Nestas regiões a sociedade desceu a um nível indiscriminadamente baixo e miserável. Os alojamentos da classe pobre são em geral muito sujos e aparentemente nunca são limpos, seja de que maneira for; compõem-se, na maior parte das casas, de uma única sala — onde, apesar do arejamento ser dos piores, faz sempre frio por causa das janelas partidas ou mal adaptadas — que muitas vezes é húmida e fica no subsolo, sempre mal mobilada e perfeitamente inabitável, a ponto de um monte de palha servir frequentemente de cama para uma família inteira, cama onde se deitam, numa confusão revoltante, homens, mulheres, velhos e crianças. Só se encontra água nas bombas públicas e a dificuldade para a ir buscar favorece naturalmente todas as sujidades possíveis.

As outras grandes cidades portuárias não são nada melhores. Liverpool, apesar do seu tráfego, do seu luxo e da sua riqueza, trata ainda os seus trabalhadores com a mesma barbaridade. Um bom quinto da população, ou seja, mais de 45 000 pessoas, habitam na cidade em casas

<sup>27</sup> The Artisan, 1843, Caderno de Outubro. Revista mensal \* (F. E.).

\* P. 230, reproduzido no *Northern Star*, n.º 313, 11 de Nov. de 1843. Este artigo é o 1.º duma série sobre «O estado sanitário das classes trabalhadoras nas grandes cidades».



exíguas, escuras e mal arejadas, em número de 7 862<sup>28</sup>. A isto ainda se juntam 2 270 pátios («courts»), quer dizer, pequenos locais fechados pelos quatro lados, tendo como acesso e saída uma estreita passagem, frequentemente abobadada (que por conseguinte não permite o mais pequeno arejamento), a maior parte das vezes muito sujos e habitados quase exclusivamente por proletários. Voltaremos a falar destes pátios quando chegarmos a Manchester. Em Bristol foram visitadas 2 800 famílias de operários das quais 46 % não possuem senão um único quarto<sup>29</sup>.

Encontramos exactamente a mesma coisa nas cidades industriais. Em Nottingham há ao todo 11 000 casas das quais 7 000 ou 8 000 estão de tal maneira encostadas umas às outras que nenhum arejamento completo é possível, para além de, na maior parte dos casos, não existir senão um lavabo comum para várias casas. Uma inspecção recente revelou que várias filas de casas estavam construídas sobre canais de descargas pouco profundos, apenas cobertos pelas ripas do soalho.<sup>30</sup>

Em Leicester, Derby e Sheffield, passa-se o mesmo. Quanto a Birmingham, o artigo do *Artizan* acima citado, refere o que segue:

Nos velhos bairros da cidade há lugares sujos e mal conservados, cheios de charcos estagnados e de montes de imundícies. Em Birmingham, os pátios são muito numerosos, mais de 2 000, onde vive a maior parte da classe operária. São frequentemente exíguos, lamacentos, mal arejados, com condutas de evacuação defektuosas, agrupando entre 8 a 20 prédios que na sua maior parte só recebem ar por um lado, visto que a parede do fundo é meira; no fundo do pátio há quase sempre um buraco para as cinzas ou qualquer coisa deste género, cuja sujidade é indiscriminável. Contudo é necessário notar que os pátios modernos foram construídos de forma mais inteligente e estão mais bem conser-

<sup>28</sup> Report of a Committee of the Manchester Statistical Society on the Condition of the Working Classes in an Extensive Manufacturing District in 1834, 1835 e 1836 (1838), pp. 9-10. O número de 7862 foi dado em 1837 por M. I. WHITTY. Estas estatísticas são citadas muitas vezes por reformistas. Ver R. A. SLANEY: *State of poorer classes in great towns, 1840* e *Weekly Dispatch*, 5 de Maio de 1844.

<sup>29</sup> C. B. FRIPP: *Journal of the Statistical Society of London*, 1839-1840, vol. 2, pp. 368-75. Na realidade o texto original fala de 5 981 famílias visitadas das quais 2 800 (ou seja 46,8 %) só ocupavam um quarto.

<sup>30</sup> W. FELKIN: *Journal of the Statistical Society of London*, 1839-1840, vol. 2, pp. 457-459.

vados; e que, mesmo nos velhos, as casas estão menos amontoadas do que em Manchester ou Liverpool; isto também explica que, na altura das epidemias, tenha havido menos casos mortais em Birmingham do que, por exemplo, em Wolverhampton, Dudley e Eilston, que só distam algumas milhas. Do mesmo modo, não há em Birmingham alojamentos nos subsolos, se bem que algumas caves sirvam impropriamente de oficinas. Os dormitórios para operários são um pouco mais numerosos (mais de 400), principalmente nos pátios do centro da cidade; são quase todos de uma sujidade revoltante, mal arejados, autênticos refúgios de mendigos, vagabundos, «trampers» (voltaremos a falar sobre o significado dessa palavra), ladrões e prostitutas, que, sem se preocuparem com as conveniências ou com o conforto, comem, bebem, fumam e dormem numa atmosfera que só estes seres degradados podem suportar<sup>31</sup>.

Glasgow parece-se com Edimburgo em muitos aspectos: as mesmas *wynds*, as mesmas casas altas. O *Artizan* refere a respeito desta cidade:

Aqui a classe operária constitui cerca de 73 % da população total (da ordem dos 300 000) e habita em bairros que ultrapassam em miséria e horror os outros mais vis de St. Giles e Whitechapel, os Liberties de Dublin, os wynds de Edimburgo. Há uma quantidade de locais semelhantes no coração da cidade, no sul de Trongate, a oeste do mercado do sal, no Calton, ao lado da High Street, etc.... Labirintos intermináveis nas ruas estreitas ou wynds, onde desembocam a cada passo pátios e becos, constituídos por velhas casas mal arejadas, muito altas, sem água e decrepitas. Estas casas regorgitam literalmente de habitantes, cada andar tem 3 ou 4 famílias, talvez vinte pessoas. Por vezes os andares estão alugados como dormitórios para a noite, de forma que quinze ou vinte pessoas estão amontoadas — não ousamos dizer albergadas — num único quarto. Estes quartos abrigam os elementos mais pobres, mais depravados, menos válidos da população, e é preciso ver neles a origem das terríveis epidemias de febre que, partindo daí, assolam toda a cidade de Glasgow.

Escutemos a descrição que J. C. Symons, comissário do governo para o inquérito sobre a situação dos tecelões manuais<sup>32</sup>, dá destes bairros:

<sup>31</sup> The *Artizan*, Outubro de 1843, p. 229.

<sup>32</sup> *Arts and Artisans at home and abroad* (Ofícios e artesãos no nosso país e no estrangeiro), por J. C. Symons, Edimburgo, 1839. O autor, escocês ao que parece, é um liberal, e por conseguinte fanaticamente oposto a todo o movimento operário autónomo. As passagens citadas encontram-se nas pp. 116 e segs. \* (F. E.).

\* A autoridade deste comissário foi alvo de uma polémica. Cf. D. WILLIAMS: *The Rebecca Riot*, 1955, pp. 97-98.

Vi aqui e no continente a miséria nalguns dos seus piores aspectos, mas antes de ter visitado os wynds de Glasgow não acreditava que tantos crimes, miséria e docenças pudessem existir em qualquer país civilizado. Nos dormitórios de categoria inferior dormem no mesmo chão, dez, doze, e por vezes vinte pessoas dos dois sexos e de todas as idades, numa nudez mais ou menos total. Estes alojamentos estão normalmente (generally) tão sujos, húmidos e arruinados, que ninguém quereria alojar neles o seu cavalo<sup>21</sup>.

#### E mais à frente:

Os wynds de Glasgow abrigam uma população flutuante de quinze a trinta mil pessoas. Este bairro compõe-se somente de ruas estreitas e pátios rectangulares no meio dos quais normalmente se eleva um monte de estrume. Por mais revoltante que fosse o aspecto exterior destes lugares, eu ainda não estava preparado para a sujidade e miséria que reinam no exterior. Nalguns destes dormitórios que nós (o superintendente da polícia capitão Miller e Symons) visitámos de noite, encontramos uma cadeia ininterrupta de seres humanos estendidos no chão, por vezes de quinze a vinte, alguns vestidos e outros nus, homens e mulheres juntos. A cama deles era feita com um bocado de palha borolenta misturada com trapos. Havia poucos móveis ou não os havia e a única coisa que dava a estas casas um aspecto de habitação era uma fogueira na chaminé. O roubo e a prostituição são as principais fontes de receita desta população<sup>22</sup>. Ninguém se dava ao trabalho de limpar estas cavalariças de Augias, este pandemónio, este conglomerado de crimes, de sujidade, de pestilência, no coração da segunda cidade do Império. Numa vasta inspecção dos piores bairros de outras cidades, nunca me foi dado ver nada que, pela intensidade da infecção moral e física, nem pela densidade relativa da população, atingisse metade deste horror. A maior parte das casas deste bairro estão classificadas pela Court of Guild como arruinadas e inabitáveis, mas são precisamente as mais habitadas, porque a lei proibe que por elas se exija aluguer.

A grande região industrial no centro das Ilhas Britânicas, a zona populosa do Yorkshire ocidental e do Lancashire meridional, com as suas numerosas cidades industriais, em nada fica atrás em relação às outras cida-

<sup>21</sup> Engels cita aqui outro texto de Symons: o seu relatório à comissão real para os tecelões (Parliamentary Papers, 1839, vol. 42, n.º 159, p. 51, citado igualmente no Weekly Dispatch, 5 de Maio de 1844).

<sup>22</sup> Engels condensa. Citação integral em HENDERSON-CHALONER, op. cit., p. 46, notas.

des. A região lanígera do West Riding, no Yorkshire, é uma região encantadora, uma bela terra de colinas verdejantes, cujas elevações se tornam cada vez mais abruptas em direcção a oeste até culminarem na crista escarpada de Blackstone Edge — linha de partilha das águas entre o mar da Irlanda e o mar do Norte. Os vales do Aire, onde está situada Leeds, e do Calder, onde passa a via férrea Manchester-Leeds, contam-se entre os mais risonhos de Inglaterra e estão semeados por todo o lado de fábricas, vilas e cidades; as casas de pedra cinzenta têm um ar tão atraente e limpo ao pé das construções de tijolos negros de fuligem do Lancashire, que até dão prazer. Mas assim que entramos nas próprias cidades, encontramos poucas coisas que nos agradem. A situação de Leeds é exactamente a que descreve o Artizan e que eu pude confirmar:

sobre uma suave encosta que desce pelo vale do Aire. Este rio serpenteia através da cidade numa distância de cerca de milha e meia<sup>23</sup> e está sujeito, depois do período do degelo ou depois de chuvas violentas, a fortes enxurradas. Os bairros do oeste, situados mais acima, são limpos, para uma cidade tão grande, mas os bairros em volta do rio e dos riachos que aí se lançam (becks) são sujos, apertados e são já o suficiente para abreviarem a vida dos habitantes, sobretudo das crianças. Acrescente-se ainda o estado lamentável em que se encontram os bairros operários em volta de Kirkgate, March Lane, Cross Street e Richmond Road, que se distinguem principalmente pelas suas ruas mal pavimentadas e sem esgotos, por uma arquitectura irregular, com numerosos pátios e becos e pela ausência total dos mais elementares meios de limpeza. Isto tudo junto dá-nos razões suficientes para explicar a excessiva mortalidade nestes infelizes feudos da mais sórdida miséria. Em virtude das cheias do Aire (que, acrescente-se, como todos os rios utilizados na indústria, entra na cidade claro e transparente para daí sair espesso, negro e malcheiroso, com todas as imundícies imagináveis<sup>24</sup>), as caves e as casas enchem-se frequentemente de água a ponto de ser necessário bombeá-la para a lançar na rua; e nessas alturas, a água volta a entrar nas caves, mesmo onde há esgotos<sup>25</sup>, provocando emanações miasmáticas, com forte percentagem de hidrogénio sulfuroso

<sup>23</sup> Onde quer que se mencionem milhas sem mais precisões, trata-se da medida inglesa; o grau do equador conta 69 ½ milhas c, por conseguinte, a légua alemã cerca de 5 \* (F. E.).

<sup>24</sup> O texto entre parêntesis é uma interpolação de Engels.

<sup>25</sup> Não nos esqueçamos que estas caves não são arrecadações mas alojamentos onde vivem seres humanos (F. E.).

\* Esta distância equivale a 1609 metros.

deixando um depósito repugnante extremamente prejudicial para a saúde. Durante as inundações da primavera do ano de 1839, os efeitos dum tal entupimento dos esgotos foram tão nocivos que, segundo o relatório do oficial do registo civil deste bairro, houve nesse trimestre três falecimentos por cada dois nascimentos enquanto que, durante o mesmo trimestre, todos os outros bairros registaram três nascimentos por cada dois falecimentos.

Outros bairros com forte densidade de população estão desprovidos de esgotos, ou estão-no tão mal que estes não servem para nada. Nalguns alinhamentos de casas as caves raramente estão secas; noutros bairros, várias ruas estão cobertas por uma lama mole onde nos enterramos até aos tornozelos. De tempos a tempos os habitantes esforçam-se em vão por repararem estas ruas, lançando algumas pazadas de cinzas; não obstante estas iniciativas, o esterco e as águas sujas espalhadas em frente das casas estagnam em todos os buracos até que o vento e o sol as seguem (cf. relatório do Concelho municipal no *Statistical Journal*, vol. 2, p. 404<sup>\*)</sup>). Uma casa vulgar de Leeds não ocupa uma superfície superior a 5 jardas quadradas e é habitualmente composta por uma cave, uma sala comum e um quarto de dormir. Estes alojamentos exiguos, noite e dia cheios de seres humanos, constituem outro perigo tanto para os costumes como para a saúde dos habitantes.<sup>\*\*</sup>

O relatório acima citado sobre a situação sanitária da classe operária, diz-nos de que maneira as pessoas se amontoam nestes alojamentos:

Em Leeds, encontramos irmãos e irmãs e pensionistas de ambos os sexos que partilham o quarto com os pais; o sentimento humano estremece ao pensar nas consequências que daí resultam<sup>\*\*\*</sup>.

O mesmo se passa em Bradford, que dista somente sete milhas de Leeds, na confluência de vários vales, à beira duma pequena ribeira com águas completamente negras e nauseabundas. O alto das colinas que rodeiam a cidade oferece-nos um belo domingo — porque durante a semana a cidade está envolvida por uma nuvem cinzenta de fumo de carvão — um magnífico panorama.

<sup>\*)</sup> Toda esta passagem é extraída quase textualmente do relatório.

<sup>\*\*</sup> Estas minúcias, leu-as Engels no *Artizan* de Out. 1843, p. 229, que cita o *Statistical Journal*. Aqui Engels volta a resumir o texto original.

<sup>\*\*\*</sup> Fonte: BAKER, relatório da comissão para a lei sobre os pobres, 1842, p. 126.

Mas, no interior, é a mesma sujidade e o mesmo desconforto que em Leeds. Os velhos bairros em encostas íngremes são apertados e irregularmente construídos; nas ruelas, becos e pátios, estão amontoados lixos e imundícies; as casas estão arruinadas, sujas e desconfortáveis; no fundo do vale, nas proximidades do curso de água, encontrei várias cujas andar inferior era inabitável por ser meio escavado no flanco da colina. Dum modo geral, os bairros do fundo do vale, onde os alojamentos dos operários estão comprimidos entre as altas fábricas, são os mais mal construídos e mais sujos de toda a cidade. Nos bairros mais recentes desta cidade, como nos de qualquer outra cidade industrial, as casas estão alinhadas de forma mais regular, mas têm todos os inconvenientes inerentes à maneira tradicional de alugar os operários e de que falaremos mais pormenorizadamente a propósito de Manchester. Passa-se o mesmo com as outras cidades do West Riding principalmente com Barnsley, Halifax e Huddersfield. Esta última, de longe a mais bela de todas as cidades industriais do Yorkshire e do Lancashire, pela sua encantadora situação e pela sua arquitectura moderna, também tem, contudo, os seus bairros maus; por isso, um comité designado por uma reunião de cidadãos para inspeccionar a cidade relatou a 5 de Agosto de 1844:

É de salientar que ruas inteiras e numerosas ruelas e pátios de Huddersfield não estão nem pavimentados, nem providos de esgotos ou outra forma de escoamento; nestes sítios amontoam-se detritos, imundícies e sujidades de todas as espécies, que aí fermentam e apodrecem, e quase por todo o lado a água estagnada acumula-se em charcos; em consequência disso os alojamentos contíguos são necessariamente sujos e insalubres, de tal modo que aí aparecem doenças que ameaçam a salubridade de toda a cidade<sup>\*\*\*</sup>.

Se atravessarmos Blackstone Edge ou apanharmos o caminho de ferro, chegamos à terra clássica onde a indústria inglesa levou a cabo a sua obra-prima e donde partem todos os movimentos operários: o Lancashire meridional com o seu grande centro, Manchester. Também aqui encontramos uma bela região com colinas que

<sup>\*\*\*</sup> O relatório citado por Engels, que emana de um comité designado a 19 de Junho e encarregado de inquirir sobre a situação sanitária da cidade, apareceu a 10 de Agosto de 1844 no n.º 352 do *Northern Star*.

se inclinam suavemente para oeste, desde a linha de partilha das águas até ao mar da Irlanda, com os seus encantadores vales verdejantes do Ribble, do Irwell, do Mersey e dos respectivos afluentes; esta região que ainda há um século não passava, na sua maior parte, de um pântano quase desabitado, está agora totalmente coberta de vilas e cidades e é a zona mais populosa de Inglaterra. É no Lancashire meridional e principalmente em Manchester que a indústria do Império Britânico tem o seu ponto de partida e o seu centro; a Bolsa de Manchester é o barómetro de todas as flutuações do tráfego industrial, e as modernas técnicas de fabrico atingiram aí a sua perfeição. Na indústria algodoeira do Lancashire meridional, a utilização das forças da natureza, a substituição do trabalho manual pelas máquinas (sobretudo, no caso do tear mecânico e do *Self-actor Mule*) e a divisão do trabalho parecem estar no apogeu; e se reconhecermos nestes três elementos as características da indústria moderna, é preciso confessar que, mesmo neste aspecto, a indústria da transformação do algodão conservou sobre os outros ramos industriais o avanço que tinha adquirido desde o princípio. Mas também é aí que, simultaneamente, as consequências da indústria moderna se desenvolveram completamente e na sua forma mais pura, e o proletariado industrial se manifestou de forma mais clássica e perfeita. A humilhação em que a utilização do vapor, das máquinas e a divisão do trabalho mergulham o trabalhador, e os esforços do proletariado para sair desta situação degradante, tinham necessariamente que ser levados até ao extremo e à sua forma mais consciente. Portanto, é por estas razões — por Manchester ser o tipo clássico da cidade industrial moderna e também por a conhecer tão bem como à minha cidade natal — que nos deteremos aqui um pouco mais demoradamente.

As cidades que rodeiam Manchester diferem um pouco da cidade central no que diz respeito aos bairros operários<sup>42</sup>, excepto na medida em que nestas cidades os operários talvez representem uma fracção ainda mais importante da população<sup>43</sup>. Com efeito, estes aglome-

<sup>42</sup> Há uma ligeira modificação do termo da ed. de 1892. Engels substitui «Arbeitsbezirke» (bairros onde se trabalha) por «Arbeiterbezirke» (bairros operários, onde vivem os operários).

<sup>43</sup> Cf. o que dirá a este respeito James BRYCE, 20 anos mais tarde: (School inquiry commission, Parliamentary papers. C, 3966,

rados são unicamente industriais e deixam a Manchester o cuidado de se ocupar de todos os assuntos comerciais; dependem totalmente de Manchester e por consequência só são habitados por trabalhadores, industriais e comerciantes de 2.<sup>a</sup> ordem; enquanto que Manchester possui uma população comercial muito importante, principalmente comissionistas e retalhistas muito reputados. É por isso que Bolton, Preston, Wigan, Bury, Rochdale, Middleton, Hoywood, Oldham, Ashton, Stalybridge, Stockport, etc., mesmo sendo quase todas cidades de 30, 50, 70 e até 90 mil habitantes, não passam de grandes bairros operários interrompidos por fábricas e algumas grandes artérias ladeadas de lojas e tendo algumas avenidas pavimentadas, ao longo das quais estão dispostos os jardins e as vivendas dos fabricantes. As próprias cidades estão mal e irregularmente construídas, com pátios sujos, ruas estreitas e vielas cheias de fumo e carvão. O emprego do tijolo, primitivamente vermelho vivo mas enegrecido pelo fumo, que aqui é o material de construção habitual, dá-lhes um aspecto muito pouco agradável. A regra geral são os alojamentos nas caves; onde quer que seja possível constroem-se estas caves, e é aí que uma importante parte da população vive.

Entre as cidades mais feias, conjuntamente com Preston e Oldham, temos Bolton, a onze milhas a nordeste de Manchester. Esta cidade só possui, tal como me foi dado verificar durante várias estadias, uma rua principal, de resto bastante suja, Deansgate, que ao mesmo tempo serve de mercado e que, mesmo com muito bom tempo, não passa de uma passagem sombria e miserável, embora só tenha, para além das fábricas, casas baixas de um ou dois andares. Como sempre, a parte antiga da cidade está particularmente arruinada e é miserável. Atravessa-a uma água negra — riacho ou uma longa sucessão de charcos pestilentos? — que contribuiu para empestar completamente um ar já de si nada puro.

Mais longe encontra-se Stockport, que, apesar de situada na margem do Mersey, que pertence ao Cheshire, faz parte do distrito industrial de Manchester. Estende-se num estreito vale paralelamente ao Mersey, de forma

1868, pp. 750-751). (As classe médias estão reduzidas dado o fraco número de elementos das profissões liberais; porque nem um advogado, nem um médico poderiam ganhar aqui a vida e há poucos comerciantes ricos, porque todas as pessoas abastadas fazem as suas compras em Manchester e Liverpool).

que um lado da rua desce a pique para voltar a subir do outro com uma inclinação igualmente acentuada, enquanto a via férrea de Manchester a Birmingham, passa sobre um alto viaduto, por cima da cidade e do próprio vale. Stockport é conhecida em toda a região por ser um dos buracos mais sombrios e cheios de fumo e oferece efectivamente — sobretudo quando vista do viaduto — uma vista nada atraente. Mas o aspecto das filas de casas e de caves que os proletários habitam por toda a cidade, desde o fundo do vale ao cimo das colinas, é-o ainda muito menos. Não me recordo de ter visto, em qualquer outra cidade desta região, uma proporção tão grande de caves habitadas.

Apenas algumas milhas a nordeste de Stockport encontra-se Ashton-under-Lyne, um dos centros industriais mais recentes da região. Esta cidade, situada na vertente da colina, ao pé da qual correm o canal e o rio Tame, está em geral construída segundo um plano moderno e mais regular. Cinco ou seis grandes ruas paralelas atravessam toda a colina e são cortadas perpendicularmente por outras artérias que descem em direcção ao vale. Graças a esta disposição, as fábricas seriam relegadas para fora da cidade propriamente dita, se a proximidade da água e da via fluvial as não tivesse atraído todas para o fundo do vale, onde se comprimem e amontoam, lançando pelas chaminés uma espessa fumarada. Isto faz com que Ashton tenha um aspecto muito mais agradável do que a maior parte das outras cidades industriais; as ruas são largas e limpas, as casas de um vermelho vivo têm um ar novo e muito habitável. Mas o novo sistema de construção de casas para trabalhadores também tem os seus lados maus; todas as ruas possuem uma ruela de trás, escondida, onde se chega por uma estreita passagem lateral e que, em contrapartida, é muito suja. E se bem que eu não tenha visto edifícios com mais de cinquenta anos, excepto alguns à entrada — até em Ashton há ruas onde as casas são feias e estragadas, cujos tijolos de esquina estão partidos e as paredes abrem fendas e cujo revestimento de cal se esboroa e cai no interior — há ruas cujo aspecto sórdido e cheio de fumo não fica nada a dever às outras cidades da região, embora Ashton seja a excepção à regra.

Uma milha mais para leste fica Stalybridge, também nas margens do Tame. Quando, vindos de Ashton, atravessamos a montanha, descobrimos no cimo, à direita e à esquerda, grandes e belos jardins rodeando magníficas

vivendas, frequentemente no estilo *elisabertino*<sup>11</sup>, que está para o gótico como a religião protestante anglicana está para a religião católica, apostólica e romana. Cem passos mais à frente aparece Stalybridge no vale, mas que contrasta surpreendentemente com aquelas magníficas propriedades e até com as modestas casas de Ashton: Stalybridge está situada numa garganta estreita e sinuosa, ainda muito mais estreita que o vale de Stockport, e cujas vertentes são recobertas por um extraordinário emaranhado de casas de campo, prédios e oficinas. Logo que lá entramos, vemos as primeiras casas exíguas, cheias de fumo, velhas e arruinadas e toda a cidade reflecte esta imagem. Há poucas ruas no estreito fundo do vale; a maior parte cruzam-se e recruzam-se, sobem e descem. Em virtude desta disposição inclinada, o rés-do-chão de quase todas as casas está meio metido no chão; e das montanhas, donde descobrimos a cidade como se a sobrevoássemos, podemos ver a multidão de pátios, de ruelas escondidas e de recantos isolados que esta construção sem plano fez nascer. Juntamos a isto uma sujidade assustadora e compreenderemos a repugnante impressão que causa Stalybridge, apesar dos seus encantadores arredores.

Mas já basta sobre estas cidadezinhas. Todas têm as suas peculiaridades mas, no fim de contas, os trabalhadores vivem nelas como em Manchester. Por isso só me refiro ao aspecto particular da sua construção e limito-me a apontar que todos os reparos gerais sobre o estado dos alojamentos dos operários também se aplicam na totalidade às cidades vizinhas. Passemos agora a este grande centro propriamente dito.

Manchester estende-se no sopé da vertente sul de uma cadeia de colinas que, partindo de Oldham, atravessa os vales do Irwell e do Medlock e cujo último cume, o Kersall-Moor, é ao mesmo tempo o campo de corridas e o *mons sacer*<sup>12</sup> de Manchester. A cidade propriamente dita situa-se na margem esquerda do Irwell, entre este curso de água e outros dois mais pequenos, o Irk e o Medlock, que aqui desaguam no Irwell. Na margem direita deste, encerrada num grande anel do

<sup>11</sup> Na realidade, Engels quer-se referir ao estilo neo-Tudor.

<sup>12</sup> Montanha sagrada. Engels utiliza intencionalmente a expressão latina. Com efeito a tradição afirma que em Roma, por volta do ano 494 antes da nossa era, os plebeus, revoltados contra os patricios se juntaram no Monte Sagrado. Do mesmo modo, em Manchester havia reuniões de operários no Kersall-Moor.

rio, estende-se Salford, mais a oeste fica Pendleton; ao norte do Irwell encontram-se Higher e Lower Broughton, e ao norte do Irk, Cheetam Hill; ao sul do Medlock encontra-se Hulme, mais para este Chorlton-on-Medlock e ainda mais longe, mais ou menos a este de Manchester, Ardwick. Todo este conjunto é vulgarmente denominado Manchester e conta pelo menos com 400 000 habitantes, senão mais<sup>40</sup>. A própria cidade está construída duma maneira tão peculiar, que podemos habitá-la durante anos, sair e entrar nela quotidianamente sem nunca entrevermos um bairro operário nem sequer encontrarmos operários, se nos limitarmos a cuidar dos nossos negócios ou a passearmos. Mas isto deve-se principalmente ao facto de os bairros operários — quer por um acordo inconsciente e tácito, quer por intenção consciente e confessa — estarem separados com o maior rigor das partes da cidade reservadas à classe média, ou então, quando isso é impossível, dissimulados sob o manto da caridade. Manchester abriga, no seu centro, um bairro comercial bastante longo, com o comprimento de cerca de milha e meia e igual largura, composto quase exclusivamente de escritórios e armazéns (*warehouses*). Todo este bairro está quase completamente desabitado, e durante a noite vazio e deserto; só as patrulhas da polícia circulam com as suas lanternas furta-fogo nas ruas estreitas e sombrias.

Esta zona está sulcada de algumas grandes ruas com muito tráfego e cujos rés-do-chão estão ocupados por luxuosas lojas; nestas ruas encontra-se um ou outro andar ocupado e reina até noite alta uma animação bastante grande. Com excepção deste bairro comercial, toda a cidade de Manchester propriamente dita, toda Salford e Hulme, uma parte importante de Pendleton e Chorlton, dois terços de Cheetam Hill e Broughton, não são senão um bairro operário que rodeia a zona comercial como uma cintura, cuja largura média é de milha e meia. Para lá desta cintura habitam a média burguesia e a alta burguesia: a média burguesia em ruas regulares, próximas do bairro operário, sobretudo em Chorlton e nas regiões de Cheetam Hill situadas mais abaixo, a alta burguesia em vivendas com jardins, mais afastadas, em Chorlton e

<sup>40</sup> Os burgos de Hulme, Chorlton-on-Medlock, Ardwick e Cheetam, bem como o distrito de Beswick, foram administrativamente ligados a Manchester em 1838. Em 1844 a cidade tinha 235 000 habitantes. Engels refere-se pois aqui a toda a aglomeração e não à cidade propriamente dita.

Ardwick, ou então sobre as alturas arejadas de Cheetam Hill, Broughton e Pendleton, em pleno ar puro do campo, em habitações esplêndidas e confortáveis, servidas de meia em meia hora ou de quarto em quarto de hora por autocarros que conduzem à cidade<sup>41</sup>. E o mais curioso é que estes ricos aristocratas da finança podem atravessar os bairros operários pelo caminho mais curto, em direcção aos seus escritórios no centro da cidade, sem sequer notarem que estão ladeados, à direita e à esquerda, pela mais sórdida miséria.

Com efeito, as grandes ruas que, partindo da Bolsa, deixam a cidade em todas as direcções, estão franqueadas de ambos os lados por uma fila quase ininterrupta de lojas e estão, deste modo, nas mãos da pequena e média burguesia que, quanto mais não seja em seu próprio interesse, afectam um certo decore e limpeza, e possuem meios para o fazer. Claro que estas lojas têm uma certa semelhança com os bairros que estão por detrás delas e, por conseguinte, são mais elegantes no bairro dos negócios e perto dos bairros burgueses que ali, onde mascaram as sórdidas casas operárias; mas de qualquer modo são o suficiente para dissimularem aos olhos dos ricos senhores e senhoras, de estômago robusto e nervos débeis, a miséria e a sujidade, complementos do seu luxo e da sua riqueza. É isto que aconteceu, por exemplo, com Deansgate que, da Velha Igreja, se dirige a direito para o sul, ao princípio ladeada por armazéns e fábricas, em seguida por lojas de segunda ordem e algumas padarias; mais ao sul, quando abandona o bairro comercial, por lojas menos reluzentes, as quais, à medida que avançamos, se tornam cada vez mais sujas e cada vez mais intercaladas com tabernas; até que na extremidade sul, o aspecto das lojas não deixa dúvidas sobre a qualidade dos clientes: são operários e só operários. Acontece o mesmo com Market Street, que parte da Bolsa em direcção a sudeste; primeiro encontramos belas lojas de primeira categoria, e nos andares superiores fábricas e entrepostos; mais à frente, à medida que avançamos (Piccadilly), vemos gigantescos hotéis e entrepostos; ainda mais longe (London Road) na região do Medlock, fábricas, tabernas, lojas para a pequena burguesia e os ope-

<sup>41</sup> É por volta de 1840 que se produziu este êxodo das classes médias para a periferia da cidade. Cf. L. M. HAYES: *Reminiscences of Manchester and some of its local surroundings from the year 1840, 1905*, p. 51.



rários; mais perto de Ardwick Green, casas reservadas à alta e média burguesias, e a partir daí enormes jardins e enormes casas de campo para os mais ricos industriais e comerciantes. Desta maneira podemos, desde que conheçamos Manchester, *deduzir* pelo aspecto das ruas principais o tipo de bairros contíguos, mas, nestas ruas, raramente estamos em condições de conhecer *realmente* os bairros operários. Sei muito bem que esta disposição hipócrita das construções é mais ou menos comum a todas as grandes cidades; também sei que os retalhistas devem, devido à própria natureza do seu comércio, monopolizar as ruas principais; sei que em toda a parte se vêem, nas ruas deste género, mais casas bonitas do que feias, e que o valor do terreno que as rodeia é mais elevado que nos bairros periféricos. Mas em parte alguma como em Manchester constatei um isolamento tão sistemático da classe operária, afastada das grandes ruas, uma arte tão delicada em mascarar tudo o que pudesse ferir a vista ou os nervos da burguesia. E contudo, a construção de Manchester corresponde menos do que a de qualquer outra cidade a um plano preciso ou a regulamentos de polícia; a sua disposição, mais do que a de qualquer outra cidade, é fruto do acaso; e então quando penso na classe média declarando apressadamente que os operários se portam o melhor possível, pressinto que os industriais liberais, os *big whigs*<sup>48</sup> de Manchester, não estão nada inocentes desta púdica disposição dos bairros.

Mencionei ainda que os estabelecimentos industriais se situam quase todos à beira de três cursos de água ou dos diferentes canais que se ramificam através da cidade, e eis-me chegado à descrição dos bairros operários propriamente ditos. Temos primeiro a velha vila de Manchester, entre o limite norte do bairro comercial e o Irk. Aí, mesmo as melhores ruas são estreitas e tortuosas — Todd Street, Long Millgate, Withy Grove e Shudehill por exemplo — as casas são sujas, velhas, arruinadas, e as ruas adjacentes perfeitamente hediondas. Quando, vindos da velha igreja, entramos em Long Millgate temos imediatamente à direita uma fila de casas em estilo antigo, todas elas decadentes; são os vestígios da velha Manchester da época pré-industrial, cujos antigos habitantes emigraram com os seus bens para bairros mais bem construídos, abandonando as casas que achavam demasiado más a uma população operária

<sup>48</sup> Grandes liberais e também «personagens importantes».

de origem predominantemente irlandesa. Deparamos aqui com um bairro verdadeiramente operário que quase não está camuflado, porque nem mesmo as lojas e tabernas da rua se dão ao trabalho de parecerem limpas. Mas isto ainda não é nada em comparação com as ruelas e os pátios das traseiras, onde se chega por becos estreitos e tapados em que duas pessoas se não conseguem cruzar.

É impossível imaginar o desordenado amontoamento das casas, literalmente empilhadas umas sobre as outras, verdadeiro desafio a qualquer arquitectura racional. E a responsabilidade disto não cabe só às construções que datam da antiga Manchester. Na nossa época a confusão foi levada ao máximo porque, onde quer que o urbanismo da época anterior tivesse deixado o menor espaço livre, reconstruiu-se e remendou-se até que por fim não restou entre as casas um centímetro livre onde fosse possível construir. Como prova, reproduzo aqui um pequeno fragmento da planta de Manchester; de resto há pior e ela não representa nem a décima parte da cidade.

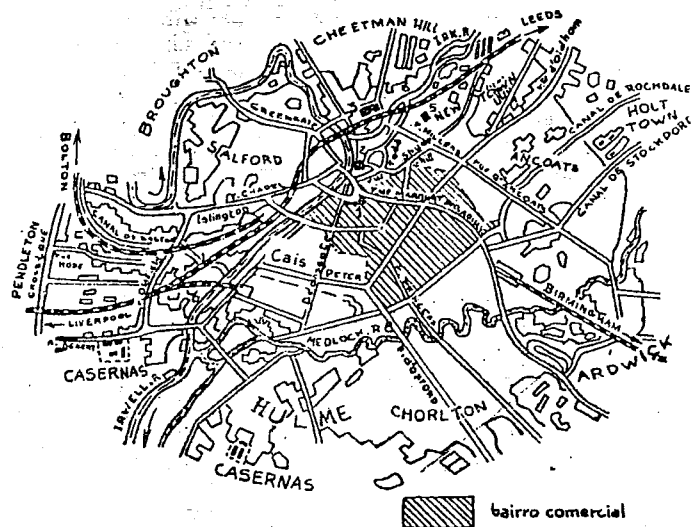
Esta planta será suficiente para caracterizar a arquitectura irracional de todo o bairro, principalmente perto do Irk. Aqui a margem sul do Irk é muito abrupta e tem entre cinco e dez metros de altura; nesta encosta escarpada, estão implantadas frequentemente 3 filas de casas, das quais a mais baixa emerge directamente do rio, enquanto que a fachada da mais alta se encontra ao nível do cimo das colinas de Long Millgate. Além disso, nos intervalos, há fábricas à beira dos cursos de água. Em resumo, aqui a disposição das casas é tão desordenada e apertada como na parte baixa de Millgate.

À esquerda e à direita, um grande número de passagens cobertas conduzem da rua principal aos numerosos pátios e, assim que aí penetramos, ficamos rodeados por uma sujidade e uma sordidez repugnantes, sem comparação com nada que eu conheça, particularmente nos pátios que descem para o Irk e onde, na realidade, se encontram os mais horríveis alojamentos que me foi dado ver até hoje. Num destes pátios, precisamente à entrada, na extremidade do corredor coberto, há casas de banho sem porta, e tão sujas, que os habitantes para entrarem ou saírem do pátio têm de atravessar um charco de urina pestilenta e de excrementos que rodeia estas casas de banho; é o primeiro pátio à beira do Irk a montante da Ducie Bridge<sup>49</sup>, caso alguém deseje ir vê-lo;

<sup>49</sup> Uma ponte.



## PLANO DE MANCHESTER E SEUS ARREDORES



1 — Bolsa; 2 — Velha Igreja; 3 — Casa dos pobres; 4 — Cemitério dos pobres (a linha do caminho de ferro Leeds-Liverpool passa entre a Casa dos pobres e o cemitério); 5 — Igreja de St. Mitchel; 6 — Scotland bridge sobre o Irk (a rua que vai da velha igreja à Scotland bridge é Long Millgate); 7 — Ducie Bridge sobre o Irk; 8 — Pequena Irlanda.

em baixo, nas margens do curso de água, há várias fábricas de curtumes que empestam toda a região com o fedor que emana da decomposição das matérias orgânicas.

Nos pátios a jusante de Ducie Bridge, é preciso frequentemente descer escadas estreitas e sujas e atravessar montes de detritos e de imundícies para atingir as casas.

O primeiro pátio a jusante de Ducie Bridge chama-se Allen's Court; por altura da epidemia de cólera (1832) encontrava-se num tal estado que os serviços sanitários fizeram-no evaguar, limpar e desinfetar com cloro; numa brochura<sup>50</sup> o Dr. Kay fornece uma descrição assustadora

<sup>50</sup> The Moral and Physical Condition of the Working classes employed on the Cotton Manufacture in Manchester \* (Estado físico e moral das classes operárias que trabalham em Manchester na indústria do algodão) por James Ph. Kay, 2.ª edição, 1832. Confunde a classe operária em geral com a classe dos operários da indústria. Quanto ao resto, excelente (F. El.).

\* Encontra-se outra descrição de Allen's Court na obra de Henry Gaultier: *The origin and Progress of the malignant Cholera in Manchester, 1833*, pp. 50-51.

do estado deste pátio nessa época. Depois, parece ter sido parcialmente demolido e reconstruído; em todo o caso, do alto de Ducie Bridge ainda se vêem várias paredes arruinadas e enormes montes de escombros ao lado das casas de construção mais recente. O que se pode ver da ponte — disfarçado delicadamente aos mortais de pequena estatura por um parapeito de pedra da altura de um homem — é de resto característico de todo o bairro. Em baixo corre, ou antes, estagna o Irk, delgado curso de água, escuro como o breu e de cheiro nauseabundo, cheio de imundícies e de detritos que deposita na margem direita que é a mais baixa; com tempo seco subsistem nesta margem toda uma série de charcos lamacentos, fétidos, de um verde escuro, do fundo dos quais sobem bolhas de gás mefítico emanando um cheiro que, mesmo do alto da ponte, doze metros acima da água, é insuportável. O próprio rio, por outro lado, é retido a cada passo por altas barragens, por detrás das quais se depositam grandes quantidades de lama e detritos que aí se decompõem.

A montante da ponte vêm-se fábricas de curtumes, mais longe ainda tinturarias, fábricas de artigos de osso e fábricas de gás cujas águas usadas e detritos vão todos parar ao Irk que, além disso, recolhe o conteúdo dos esgotos e das retretes que nele desembocam. Podemos pois imaginar a natureza dos resíduos que se acumulam no rio. A jusante da ponte, avistam-se os montes de lixo, as imundícies, a sujidade e a ruína dos pátios, situados na abrupta margem esquerda; as casas estão comprimidas umas contra as outras e a inclinação da margem só permite ver uma fracção de cada uma delas, todas negras de fumo, decrepitas, velhas, com as janelas de caixilhos e vidros partidos. O plano de fundo é constituído por velhos edifícios de fábricas, que parecem casernas. Na margem direita, completamente plana, levanta-se uma longa fila de casas e de fábricas. A segunda casa está em ruínas, sem tecto, cheia de escombros, e a terceira é tão baixa que o andar inferior é inabitável e por conseguinte sem portas nem janelas. Ao fundo, deste lado, vemos o cemitério dos pobres, as estações do caminho de ferro de Leeds e Liverpool e, por detrás, a Casa dos Pobres, a *Bastilha da Lei dos Pobres* de Manchester, que, tal como uma cidadela, observa ameaçadoramente do alto da colina, por trás das suas altas muralhas e ameias, o bairro operário que se estende à sua frente.

A montante da Ducie Bridge, a margem esquerda

torna-se mais plana e em contrapartida a direita faz-se mais abrupta; mas o estado das casas dos dois lados do Irk tem tendência a piorar.

Quando deixamos a rua principal, Long Millgate, ao virarmos à esquerda ficamos perdidos; de um pátio passa-se para outro; só se vêem esquinas de ruas, becos estreitos e passagens sujas, e ao fim de alguns minutos estamos completamente desorientados e já não sabemos para onde nos dirigirmos. Por toda a parte, construções meio ou completamente em ruínas, algumas completamente inabitáveis e aqui isto é significativo. Nas casas quase nunca há soalho ou pavimento de mosaico; em contrapartida, as janelas e as portas estão quase sempre partidas e mal ajustadas, e que sujeidade! Há montes de escombros, de detritos e de imundícies por todo o lado; em vez de valetas, charcos de água estagnada e um cheiro que, por si só, impediria qualquer homem, por pouco civilizado que fosse, de habitar em tal bairro. O prolongamento, recentemente concluído, do caminho de ferro de Leeds, que aqui atravessa o Irk, fez desaparecer uma parte destes pátios e destas ruelas mas, em contrapartida, pôs outros à vista. É assim que, precisamente por debaixo da ponte do caminho de ferro, há um pátio que ultrapassa de longe todos os outros em sujeidade e horror, precisamente porque até agora estava tão à margem, tão afastado, que só dificilmente podia ser atingido; eu próprio nunca o teria descoberto sem a abertura feita pelo viaduto do caminho de ferro, embora julgasse conhecer muito bem esse sítio. É quando atravessamos uma margem irregular, entre estacas e cordas de roupa, que penetramos neste caos de pequenos casebres de um andar e de uma só divisão, na maior parte das vezes desprovida de soalho; cozinha, sala comum e quarto de dormir tudo ao mesmo tempo.

Num destes buracos, que não chegava a medir seis pés de comprimento e cinco de largura<sup>21</sup>, vi duas camas — e que camas! — que, com uma escada e uma lareira, enchiam todo o quarto. Em vários outros não vi absolutamente nada, se bem que a porta estivesse escancarada e os habitantes lá estivessem instalados. Em frente das portas, escombros e lixo por todo o lado; nem se podia ver se por baixo havia pavimento, limitando-nos a senti-lo com o pé nalguns sítios. Todo este conjunto de estábulos

<sup>21</sup> O pé equivale a um pouco mais de 30 cm.

habitados por pessoas estava rodeado em dois dos lados por casas e uma fábrica, no terceiro pelo curso de água e, excluindo o pequeno atalho da margem, só se podia sair por uma estreita porta que dava para mais outro labirinto de casas, quase tão mal construídas e mantidas como estas. Estes exemplos bastam.

É assim que está construída toda a margem do Irk, caos de casas feitas desordenadamente, mais ou menos inabitáveis e cujo interior está em perfeita harmonia com a sujeidade das redondezas. Assim, como querem que as pessoas sejam limpas! Nem sequer há condições para a satisfação das necessidades mais elementares e quotidianas. Aqui as retretes são tão raras que ou estão constantemente ocupadas ou ficam demasiado afastadas para a maior parte das pessoas. Como querem que as pessoas se lavem quando não possuem nas proximidades senão as águas sujas do Irk, e quando as canalizações e as bombas só existem nos bairros decentes? Na verdade, não se podem censurar estes ilotas da sociedade moderna, por os seus alojamentos não serem mais limpos que os chiqueiros que se encontram de vez em quando no meio deles. Quanto aos proprietários, esses não têm vergonha de alugar alojamentos como as seis ou sete caves que dão para o cais, logo acima da Scotland Bridge e cujo chão está pelo menos cinquenta centímetros abaixo das águas — quando as águas estão baixas — do Irk, que corre a menos de metro e meio de distância. Ou então como o andar superior da casa de esquina, na outra margem, imediatamente antes da ponte, cujo rés-do-chão é inabitável, que não tem nada a tapar os buracos das janelas e da porta. Este é um caso que não é raro nesta região: o rés-do-chão aberto serve normalmente a toda a vizinhança para satisfazer as suas necessidades, à falta de locais apropriados.

Se deixarmos o Irk para entrarmos pelo outro lado de Long Millgate, no coração das habitações operárias, chegamos a um bairro um pouco mais recente, que se estende desde a igreja de São Miguel até à Withy Grove e Shudehill. Aqui há, pelo menos, um pouco mais de ordem; em vez de uma arquitectura caótica encontramos compridas ruelas e becos rectilíneos, ou então pátios rectangulares que não foram feitos ao acaso; mas se, anteriormente, era cada casa em particular, aqui são as ruelas e os becos que estão construídos arbitrariamente, sem qualquer preocupação com a disposição dos outros. Uma ruela ora segue numa direcção, ora noutra, a cada

passo desembocamos num beco ou dobramos uma esquina que nos obriga a voltar ao ponto de partida — quem quer que não habite neste labirinto há um certo tempo, certamente não se consegue orientar. O arejamento — se é possível usar esta palavra a propósito deste bairro — das ruas e dos pátios é tão imperfeito como nas margens do Irk; é verdade que as casas são mais recentes, as ruas pelo menos em alguns sítios têm canais de escoamento, mas, em contrapartida, possui, em quase todas as casas, alojamentos nas caves, o que raramente existe no vale do Irk, precisamente devido a ser uma zona mais antiga e ao modo de construção menos cuidado. De resto, a sujidade, os montes de escombros e estrume, os charcos nas ruas, são comuns aos dois bairros e, naquele de que falamos agora, constatamos ainda um outro facto muito prejudicial à limpeza dos habitantes: o grande número de porcos que vagueiam por todo o lado nas ruelas remexendo o lixo ou que estão fechados no interior dos pátios em pequenas pocilgas. Os criadores de porcos alugam aqui os pátios, como na maior parte dos bairros operários de Manchester, e instalam aí pocilgas; em quase todos os pátios há um ou vários recantos separados do resto, onde os habitantes deitam todo o lixo de detritos. Os porcos alimentam-se disso, e a atmosfera destes pátios, já de si fechados por todos os lados, fica completamente empestada devido à putrefacção das matérias animais e vegetais. Abriram uma rua larga e bastante decente através deste bairro — Millers Street — dissimulando com bastante felicidade o que fica por trás, mas se nos deixarmos arrastar pela curiosidade e entrarmos por uma das numerosas passagens que levam aos pátios poderemos constatar, a cada vinte passos, uma destas pocilgas, no sentido exacto da palavra.

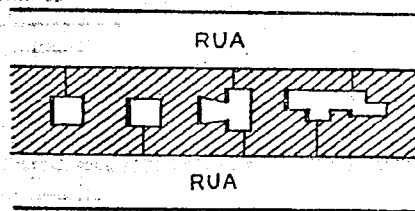
Tal é a cidade de Manchester, e, ao reler a minha descrição, tenho de reconhecer que, longe de serem exageradas, as suas cores não são suficientemente cruas para darem a noção real da sujidade, da decadência e do desconforto, nem até que ponto a construção deste bairro, com uma população de, pelo menos, entre 20 a 30 mil habitantes, é um desafio a todas as regras de salubridade, arejamento e higiene. E um tal bairro existe no coração da segunda cidade de Inglaterra, da primeira cidade industrial do Mundo. Se quisermos ver o espaço reduzido de que o homem precisa para se mover, o pouco ar — e que ar! — que lhe é necessário, rigorosamente, para respirar, e em que grau inferior de civilização ele

pode subsistir, basta vir a estes lugares. Claro, trata-se da cidade *velha* — é o argumento das pessoas daqui, quando lhes mencionamos o estado espantoso deste inferno na terra — mas, o que é que isso tem? Aqui, tudo o que nos suscita mais horror e indignação é recente e data da *época industrial*. As poucas centenas de casas provenientes da velha Manchester já foram abandonadas há muito tempo pelos seus primitivos habitantes; foi a indústria apenas que as encheu com o exército de operários que elas actualmente abrigam; foi a indústria apenas que obrigou a construir em cada espaço que separava estas velhas casas, a fim de aí conseguir abrigos para as massas que obrigava a vir do campo e da Irlanda; foi a indústria apenas que permitiu aos proprietários destes estábulos alugá-los ao preço das habitações de seres humanos, explorando a miséria dos operários, minando a saúde de milhares de pessoas só para obterem o seu lucro; foi a indústria apenas que fez com que o trabalhador, acabado de se libertar da servidão, pudesse ser utilizado de novo como simples material, como *coisa*, a ponto de ter de se deixar encerrar num alojamento demasiado mau para qualquer outra pessoa, e que vai caindo em ruínas. Isto foi obra da indústria, exclusivamente, ela que não poderia existir sem estes operários sem a miséria e a servidão destes operários. É verdade que a disposição inicial deste bairro era má, pouca coisa de bom se poderia fazer dele, mas terão os proprietários prediais e a Administração feito fosse o que fosse para o melhorar, quando aí começaram a construir? Pelo contrário: ali, onde ainda havia uma parcela livre, construiu-se uma casa, onde ainda havia uma saída superflua muraram-na; o valor da renda cresceu com o desenvolvimento industrial e quanto mais ela se elevava, mais freneticamente se construía, sem a mais pequena preocupação com a higiente e o conforto dos habitantes; sendo a única preocupação a de obter o maior lucro possível e de acordo com o princípio: *por pior que seja um casebre, há sempre um pobre que não pode pagar um melhor*. Mas que quereis, é a cidade velha e é com este argumento que a burguesia se tranquiliza. Vejamos então qual é o aspecto da *cidade nova* (*the new town*).

A *cidade nova*, também chamada a cidade irlandesa (*the Irish Town*) estende-se para lá da cidade velha no flanco de uma colina argilosa entre o Irk e St. George's Road. Aqui todo o aspecto urbano desaparece. Filas isoladas de casas ou formando um conjunto de ruas, elevam-se

em certos locais, como pequenas aldeias, sobre o solo de argila nu, onde nem a relva cresce; as casas, ou melhor, os casebres, estão em mau estado, nunca foram reparados, são sujos e têm nas caves alojamentos húmidos e sórdidos; as ruelas não têm nem pavimento nem canais de escoamento; em contrapartida há numerosas colónias de porcos, fechados em pequenos pátios ou pocilgas ou então errando em liberdade na encosta. Aqui os caminhos são de tal maneira lamacentos que é preciso que o tempo esteja muito seco para podermos sair sem nos enterrarmos a cada passo até aos tornozelos. Perto de St. George's Road, as diferentes ilhotas juntam-se, metem-nos numa interminável enfiada de ruelas, becos, ruas das traseiras e pátios, cuja densidade e desordem aumentam à medida que nos aproximamos do centro da cidade. No entanto, estas ruas estão, é verdade, frequentemente pavimentadas ou, pelo menos, possuem passagens para peões pavimentadas e canais de escoamento; mas a sujidade, o mau estado das casas, e sobretudo das caves, são os mesmos.

Cabem aqui alguns reparos sobre a maneira como são habitualmente construídos os bairros operários em Manchester. Vimos na cidade velha que frequentemente o acaso presidia ao agrupamento das casas. Cada casa é construída sem ter em conta as outras e os intervalos de forma irregular entre as casas chamam-se, à falta de melhor termo, pátios (*courts*). Nas zonas um pouco mais recentes deste mesmo bairro, e noutros bairros operários<sup>22</sup> que datam dos primeiros tempos do desenvolvimento industrial nota-se um esboço de plano. O intervalo que separa duas ruas está dividido em pátios, mais regulares, a maior parte das vezes quadrangulares, mais ou menos como se vê em baixo:



<sup>22</sup> Ligeira modificação de termo na ed. de 1892; Engels substituiu «bairros em que se trabalha» por «bairros operários»: *Arbeiter Viertel*.

Desde o princípio que estes pátios foram dispostos assim: as ruas comunicam com eles por passagens cobertas. Se este modo de construção já era muito prejudicial à saúde dos habitantes, na medida em que impedia o arejamento, este método de encerrar os operários em pátios fechados por todos os lados ainda é pior. Aqui, o ar não pode escapar-se de modo nenhum; as chaminés das casas — se o fogo não está aceso — são as únicas saídas possíveis para o ar aprisionado na armadilha dos pátios<sup>23</sup>.

Acrescente-se ainda que as casas à volta destes pátios são construídas frequentemente duas a duas, sendo a parede do fundo divisória, e isto já é o suficiente para impedir um arejamento satisfatório e completo. E, como a polícia das ruas não se preocupa com o estado destes pátios<sup>24</sup>, como tudo o que para aí é atifado aí fica muito tranquilamente, não temos de nos espantar com a sujidade e quantidade de despejos e lixo que aí encontramos. Fui a uns pátios — perto de Millers Street — que estavam pelo menos quinze centímetros abaixo do nível da rua principal, e que não tinham o mais pequeno canal de escoamento para as águas da chuva que aí se amontoavam!

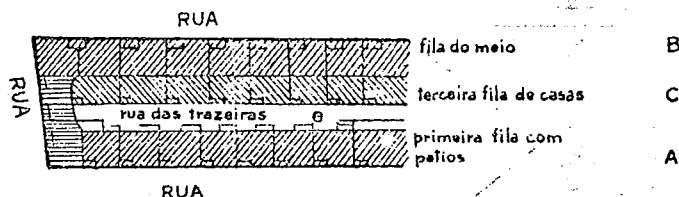
Mais tarde, começou a adoptar-se outro estilo de construção, que é agora o mais corrente. Não se constroem as casas operárias isoladamente, mas às dezenas, em quantidade — um só empreiteiro constrói de uma só vez uma ou várias ruas. Estas estão dispostas da seguinte maneira: uma das fachadas (Cf. o desenho abaixo) compreende as casas de primeira categoria que têm a sorte de possuir uma porta e um pequeno pátio e que correspondem ao aluguer mais alto. Por trás das paredes destas casas, há uma estreita ruela, a rua das traseiras (*Clack street*), fechada de ambos os lados e cujo acesso é feito

<sup>23</sup> E contudo um ajuizado liberal inglês afirma no *Children's Employment Commission Report*, que estes pátios são a obra-prima de arquitectura urbana, porque melhoram, tal como um grande número de praças públicas, o arejamento e a renovação do ar. Ah! se cada pátio tivesse 20 metros quadrados, acessos de frente, abertos e não cobertos, por onde o ar pudesse circular! Mas eles nunca têm dois, muito raramente um único descoberto, e quase todos têm apenas entradas estreitas e cobertas. (F. E.)

<sup>24</sup> Estes pátios eram considerados propriedade privada. Os poderes da polícia neste campo foram um pouco alargados em 1844 (*Manchester Police Act*).

<sup>25</sup> Cf. R. D. GRAINGER, in *Appendix to the 2d Report of the Children's Employment Commission*, parte I.

lateralmente por um estreito caminho ou por uma passagem coberta. As casas que dão para esta rua pagam o aluguer mais baixo, e são as mais descuradas. As suas paredes de trás são comuns com as da terceira fila de casas que dão para o lado oposto da rua, e correspondem a um aluguer mais baixo que a primeira fila mas maior que a segunda. A disposição das ruas é mais ou menos assim:



Este modo de construir garante um arejamento comparativamente bom para a primeira fila de casas e o da terceira não é pior que o da fila correspondente na disposição anterior; em contrapartida, a fila do meio está pelo menos tão mal arejada como as casas dos pátios, e as ruelas das traseiras estão no mesmo estado de sujidade e têm uma aparência tão má como os pátios. Os empreiteiros preferem este tipo de construção porque ele poupa espaço e dá-lhes a possibilidade de explorarem mais à vontade os trabalhadores mais bem pagos pedindo-lhes alugueres mais elevados pelas casas das primeira e terceira filas. Estes três tipos de construção de casas operárias encontram-se em toda a cidade de Manchester e através do Lancashire e do Yorkshire, muitas vezes misturados, mas de modo geral suficientemente separados para com base neles podermos deduzir a idade relativa dos desiguais bairros da cidade. O terceiro sistema, o das *ruas das traseiras*, predomina nitidamente no grande bairro operário, a leste de St. George's Road, dos dois lados de Oldham Road e Great Ancoats Street, e é também o mais vulgar nos outros bairros operários de Manchester e nos subúrbios.

É no grande bairro que mencionámos, e a que chamam Ancoats, que estão instaladas, ao longo dos canais, a maior parte das fábricas e as mais importantes — gigan-

tescas construções de seis ou sete andares, que com as suas chaminés esguias dominam de muito alto as casas baixas dos operários. A população do bairro compõe-se principalmente de operários de fábrica e, nas piores ruas, de tecelões manuais. As ruas situadas nas imediações do centro da cidade são as mais velhas, portanto as piores, embora estejam pavimentadas e providas de canais de escoamento; incluem aí as ruas paralelas mais próximas: Oldham Road e Great Ancoats Street. Mais ao norte encontramos muitas ruas de construção recente: aí as casas são graciosas e limpas; as portas e as janelas são novas e pintadas de fresco, os interiores são limpos; as próprias ruas são mais arejadas, os espaços entre elas, sem construções, são maiores e mais numerosos. Mas isto só se aplica à maioria das habitações porque existem em quase todas as casas alojamentos nas caves, muitas ruas não estão pavimentadas e não têm canais de escoamento e sobretudo o ar limpo não passa de uma aparência que desaparece ao fim de dez anos. Com efeito, o modo de construção das diferentes casas não é menos condenável que a disposição das ruas. À primeira vista, estas casas parecem muito bonitas e bem feitas, as paredes de tijolos maciços cativam quem passa e, quando percorremos uma rua operária de *construção recente* sem nos preocuparmos mais com as ruas das traseiras e com a própria maneira como as casas estão construídas, concordamos com a opinião dos industriais liberais, que afirmam que em parte alguma os operários estão tão bem alojados como em Inglaterra. Mas quando olhamos de mais perto, vemos que as paredes destas casas são o mais estreitas possível. As paredes exteriores, que sustentam a cave, o rés-do-chão e o telhado têm, quanto muito, a espessura de um tijolo, estando, em cada camada horizontal, os tijolos dispostos uns ao lado dos outros, no sentido do comprimento. Mas vi em muitas casas da mesma altura — algumas em construção — em que as paredes exteriores não tinham senão meio tijolo de espessura e onde estes, por conseguinte, não estavam dispostos no sentido do comprimento, mas no da largura, ajustados pelo lado estreito. Isto, em parte, a fim de economizar os materiais, em parte também porque os empreiteiros nunca são os proprietários do terreno: limitam-se a alugá-lo à moda inglesa por vinte, trinta, quarenta, cinquenta ou noventa anos, após o que este retorna, com tudo o que aí se encontra, à posse do seu primeiro proprietário, sem que este tenha de pagar seja o que for,

como indemnização pelas instalações que aí foram feitas. O locatário do terreno planeia pois estas instalações de forma a que tenham o menor valor possível quando o contrato expirar; como as casas deste género só são construídas vinte ou trinta anos antes desta data, compreende-se que os empreiteiros não queiram ter grandes despesas com elas. Acrescente-se que estes empreiteiros, durante muito tempo pedreiros, carpinteiros ou industriais, quase não fazem reparações, em parte porque não querem reduzir o lucro dos alugueres, em parte porque se aproxima o fim do aluguer do terreno construído, e porque, em virtude das crises económicas e das privações que se lhes seguem, frequentemente ficam desertas ruas inteiras. Por conseguinte, as casas arruinam-se rapidamente e tornam-se inabitáveis. Com efeito, calcula-se que os alojamentos operários só são habitáveis em média quarenta anos. Isto pode parecer estranho, quando vemos as belas paredes maciças das casas novas, que parecem durar vários séculos, mas é assim mesmo — a avareza que preside à construção, a ausência sistemática de reparações, a frequente desocupação dos alojamentos, a frequente e perpétua mudança de locatários e, por outro lado, as depradações que estes cometem (a maior parte são irlandeses) durante os dez últimos anos em que a casa é habitável: arrancam frequentemente a madeira da construção para fazerem fogo; tudo isto faz com que ao fim de quarenta anos estas casas estejam em ruínas. É por isso que o bairro de Ancoats, cujas casas datam apenas do desenvolvimento industrial e, em grande parte, apenas deste século, conta apesar de tudo com grande quantidade de casas velhas e arruinadas, em que a maioria já atingiu o último estágio de habitabilidade. Não quero referir aqui a quantidade de capitais que foram desperdiçados deste modo, nem como um investimento inicial um pouco mais elevado e pequenas reparações teriam sido suficientes para que todo este bairro se mantivesse limpo, conveniente e habitável durante muitos anos. Só me interessa a situação das casas e dos seus habitantes, e é preciso vincar bem que não há sistema mais nefasto e mais desmoralizante do que este para alojar os trabalhadores.

O operário é constrangido a habitar estas casas em mau estado porque não pode pagar o aluguer de outras melhores, ou então porque não existem melhores nas proximidades da fábrica, e até talvez porque estas casas pertencem ao industrial e este só empregue os que aceitam

habitar num destes alojamentos. Claro que esta duração de quarenta anos não é para ser tomada à letra, porque se estas habitações estão situadas num bairro com grande densidade de imóveis e se, por conseguinte, apesar da renda predial mais elevada, há sempre possibilidades de encontrar locatários, os empreiteiros fazem alguns esforços para assegurar a habitabilidade relativa destes alojamentos para além dos quarenta anos. Mas neste caso não ultrapassam o mínimo indispensável, e então estas casas reparadas são precisamente as piores. De tempos a tempos, quando se receiam epidemias, a consciência dos serviços de higiene, normalmente muito sonolenta, desperta um pouco. Então empreendem expedições aos bairros operários, fecham toda uma série de caves e de casas, como foi o caso de várias ruínas nas cercanias de Oldham Road. Mas isto é sol de pouca dura; em breve os alojamentos reprovados voltam a ter habitantes, e os proprietários ainda têm mais facilidade em encontrar locatários; sabe-se bem que os polícias dos serviços de higiene não voltarão tão cedo!

Esta parte leste e nordeste de Manchester é a única em que a burguesia não se instalou, pela forte razão de o vento dominante, que sopra durante dez ou onze meses do ano, de oeste e sudoeste, arrastar para aí o fumo de todas as fábricas. Este fumo, os operários que o respiram sozinhos.

Ao sul de Great Ancoats Street estende-se um grande bairro operário bem construído, uma zona de colinas, sem vegetação, com filas ou quarteirões isolados de casas, dispostos desordenadamente. Nos intervalos, ficam locais vazios, argilosos, desiguais, sem relva e por conseguinte difíceis de atravessar com tempo chuvoso. As casas são todas sujas e velhas, frequentemente situadas em buracos profundos, que lembram a cidade nova. O bairro que é atravessado pela via férrea de Birmingham é aquele em que as casas estão mais amontoadas e é, portanto, o pior.

Neste local, os numerosos meandros do Medlock percorrem um vale que em certos sítios é perfeitamente análogo ao do rio Irk. De ambos os lados do rio de águas estagnadas e nauseabundas, tão negro como o peiz, estende-se, desde a sua entrada na cidade até à confluência com o Irwell, uma larga cintura de fábricas e de habitações operárias; estas estão no estado mais deplorável possível. Frequentemente, a margem é escarpada e as construções descem até ao rio, tal como no Irk; e as ruas e casas estão mal construídas tanto do lado de



Manchester como de Ardwick, Chorlton ou Hulme. O sítio mais horrendo (se eu falasse em pormenor de todos os blocos de imóveis, separadamente, nunca mais acabava) fica do lado de Manchester, a sudoeste de Oxford Road e chama-se *Pequena Irlanda (Little Ireland)*. Numa depressão de terreno bastante funda, numa curva do Medlock, e cercada pelos quatro lados por grandes fábricas e margens altas cobertas de casas ou aterros, estão cerca de 200 casas repartidas em dois grupos, sendo frequentemente a parede de trás a divisória; habitam aí cerca de 4 000 pessoas, quase todas irlandesas. As casas são velhas, sujas e do tipo mais pequeno: as ruas são desiguais e cheias de saliências, em parte sem pavimento nem canais de escoamento; por todo o lado há uma quantidade considerável de imundícies, detritos e lama nauseabunda entre os charcos estagnados; a atmosfera está empestada com as suas emanações, enegrecida e pesada pelos fumos de uma dúzia de chaminés de fábricas. Uma multidão de mulheres e crianças esfarrapadas vagueiam por estes sítios, tão sujas como os porcos que se espojam nos montes de resíduos e nos charcos. Em resumo, todo este local oferece um espectáculo tão repugnante como os piores bairros das margens do Irk. A população que vive nestas casas arruinadas, por detrás destas janelas quebradas nas quais foi colocado papel oleoso, e destas portas fendidas com os caixilhos podres, e até nas caves húmidas e sombrias, no meio desta sujidade e deste cheiro inqualificáveis, nesta atmosfera que parece intencionalmente fechada, na verdade deve situar-se no escalão mais baixo da sociedade. Tal é a conclusão e a impressão que o aspecto deste bairro, visto do exterior, impõe ao visitante. Mas, que dizer, ao sabermos<sup>64</sup> que em cada uma destas pequenas casas, que, quanto muito, têm duas divisões e umas águas-furtadas, por vezes uma cave, abrigam vinte pessoas e que em todo este bairro há uma única casa de banho — quase sempre ocupada, claro — para cerca de cento e vinte pessoas e que apesar de todos os sermões dos médicos, apesar da emoção que se apoderou da polícia encarregada da higiene durante a epidemia de cólera, quando descobriu o estado da *Pequena Irlanda*, hoje, no ano da graça de 1844, tudo está quase no mesmo estado

<sup>64</sup> Dr. Kay: op. cit., \* (F. E).

\* pp. 35-36.

que em 1831? O Dr. Kay relata que, neste bairro, não são apenas as caves, mas também os próprios rés-do-chão que são húmidos; outrora, algumas das caves tinham sido entulhadas, explica ele, mas pouco a pouco desentulharam-nas e agora são habitadas por irlandeses; numa cave, em que o solo ficava abaixo do nível do rio, a água saltava continuamente de um buraco de evacuação obturado com argila, a ponto de, todas as manhãs, o locatário, um tecelão manual, ter de esvaziar a cave e deitar a água para a rua<sup>65</sup>.

Mais a jusante, encontra-se Hulme, na margem esquerda do Medlock, cidade que, para falar com propriedade, não passa de um grande bairro operário cujo estado, em quase todos os aspectos, é semelhante ao do bairro de Ancoats. Os bairros de grande densidade habitacional estão frequentemente em mísero estado e quase sempre em ruínas; os bairros com população menos densa e de construção menos recente são mais arejados, mas também frequentemente atolados de lama. Em geral, as casas são húmidas e providas de uma rua das traseiras e habitações nas caves. Na outra margem do Medlock, em Manchester propriamente dita, existe um segundo grande bairro operário que se estende dos dois lados de Deansgate até ao bairro comercial e que, em certos sítios, não fica em nada atrás da cidade velha. Principalmente junto do bairro comercial entre Bridge Street e Quay Street, Princess Street e Peter Street, o amontoamento das casas ultrapassa nalguns sítios o dos mais estreitos pátios da cidade velha. Encontramos aí compridas vielas, entre as quais há pátios com cantos e recantos, e passagens cujas entradas e saídas estão arrançadas com tão pouco método que, em semelhante dedalo, entramos a cada passo num beco sem saída ou enganamo-nos na saída, se não conhecemos a fundo cada passagem e cada pátio. E nestes locais exíguos, arruinados e sujos, que habita, segundo o Dr. Kay, a classe mais amoral de toda a Manchester, cuja profissão é o roubo ou a prostituição, e que segundo parece, ainda hoje existe. Quando a polícia de higiene aqui fez uma rusga, em 1831, descobriu uma insalubridade tão grande como nas margens do Irk ou na *Pequena Irlanda* (posso testemunhar que ainda hoje está na mesma) e entre outras coisas, uma única retrete

<sup>65</sup> O próprio Dr. Kay inspira-se aqui num relato sobre o estado sanitário da cidade feito pela municipalidade de Manchester em 1831.



para 380 pessoas na Parliament St., e outra para trinta casas com grande densidade populacional na Parliament Passage.

Quando vamos a Salford, ao atravessar o Irwell encontramos, numa península formada por este rio, uma cidade com oitenta mil habitantes que, para falar verdade, não passa de um grande bairro operário atravessado por uma única e larga rua. Salford, outrora mais importante que Manchester, era nessa época o principal centro do distrito que a rodeia e que tem ainda o seu nome: Salford Hundred. É por isso que também aqui há um bairro bastante velho, e por conseguinte muito insalubre, sujo e arruinado, em frente da velha igreja de Manchester, e que está em tão mau estado como a cidade velha, na outra margem do Irwell. Um pouco mais afastado do rio estende-se um bairro mais recente, mas que também data de há mais de 40 anos e por isso é razoavelmente decrépito. Toda Salford foi construída em pátios ou ruelas tão estreitos que me lembraram os becos mais estreitos que conheci, em Génova. Deste ponto de vista, a maneira como Salford está construída ainda é bem pior que a de Manchester, e o mesmo se pode dizer a respeito de limpeza. Se em Manchester a polícia ia pelo menos de tempos a tempos — uma vez de seis ou de dez em dez anos — aos bairros operários, para encerrar os piores alojamentos e limpar os cantos mais sujos destes estábulos de Augias, parece nunca ter feito nada em Salford. Decerto que as estreitas ruelas transversais e os pátios de Chapel Street, Greengate e Gravel Lane nunca foram limpos desde que foram construídos; actualmente a via férrea de Liverpool atravessa estes bairros num alto viaduto e fez desaparecer muitos dos mais sujos recantos, mas o que é que isso altera? Ao passar no viaduto, ainda podemos ver daqui de cima bastante sujidade e miséria, e se nos dermos ao trabalho de percorrer estas ruelas, de dar uma vista de olhos a estas portas e janelas abertas, às caves e às casas, verificamos a cada momento que os operários de Salford vivem em alojamentos nos quais qualquer limpeza ou conforto é impossível. Passa-se o mesmo nos bairros mais afastados de Salford, em Islington, perto de Regent Road, e por trás do caminho de ferro de Bolton. Nos alojamentos operários entre Oldfield Road e Cross Lane, ou nalguns de Hope Street, encontramos um grande número de pátios e ruelas num estado dos mais deploráveis, rivalizando em sujidade e densidade de população com a cidade velha

de Manchester. Aqui encontrei um homem que parecia ter sessenta anos e vivia num estábulo. Tinha construído neste buraco quadrado, sem janelas, sem soalho nem chão pavimentado, uma espécie de chaminé; tinha instalado aí uma tarimbã e aí habitava, se bem que a chuva penetrasse através do tecto arruinado. O homem, demasiado idoso e fraco para suportar um trabalho regular, ganhava a alimentação a transportar estrume e outras coisas no seu carrinho de mão; um mar de esterco quase atingia o seu estábulo.

Eis os diferentes bairros operários de Manchester, tais como eu próprio tive ocasião de os observar durante vinte meses. Para resumir o resultado dos nossos passeios através destas localidades, diremos que a quase totalidade dos 350 mil operários de Manchester e dos seus arredores habita em casas em mau estado, húmidas e sujas; que as ruas por onde têm de passar estão na maior parte das vezes no mais deplorável estado e extremamente sujas e que foram construídas sem o menor cuidado de arejamento, com a única preocupação do maior lucro possível para o construtor. Numa palavra, nos alojamentos operários de Manchester não há limpeza nem conforto, e portanto não há vida familiar possível; só uma raça desumanizada, degradada, rebaixada a um nível bestial, tanto do ponto de vista intelectual como moral, fisicamente mórbida, se pode sentir aí à vontade é em casa. E não sou o único a afirmá-lo. Vimos que o Dr. Kay fornece uma descrição perfeitamente análoga e, além disso, ainda vou citar as palavras dum liberal, dum homem cuja autoridade é reconhecida e apreciada pelos industriais, adversário fanático de qualquer movimento independente, N. Senior<sup>57</sup>:

Ao visitar os alojamentos dos operários das fábricas na Cidade Irlandesa, em Ancoats e na Pequena Irlanda, a minha única surpresa foi ser possível que alguém se conserve com razoável saúde em tais habitações. Estas cidades — porque são cidades pela sua extensão e pela sua população — foram edificadas com desprezo total por todos os princípios, excepto o lucro imediato dos especuladores encarregados da construção. Um carpinteiro e um pedreiro associam-se para comprar (quer

<sup>57</sup> NASSAU W. SENIOR: Letters on the factory Act to the Rt. Hon. President of the Board of Trade (Cartas sobre a lei das fábricas dirigidas ao muito honorável Presidente do Gabinete do Comércio), Chas. Poulett Thomson, Esq., Londres, 1837, p. 24 (F. E.).

dizer, para alugar durante um certo número de anos) uma série de locais para construção e para os cobrirem de pretensas casas. Num sítio, encontrámos uma rua inteira que seguia o curso de um fosso, para terem assim as caves mais profundas sem as despesas de escavação, caves que não se destinavam a servir de arrecadação ou armazém mas sim de habitação para homens. Nem uma única destas casas escapou à cólera. E, em geral, as ruas destes arredores não são pavimentadas, têm um monte de estrume ou um charco no meio, as casas estão encostadas umas às outras, sem arejamento nem drenagem no chão, e famílias inteiras vêem-se obrigadas a viver no recanto duma cave ou duma mansarda.

Já mencionei atrás a actividade invulgar que a polícia sanitária dispendeu por altura da epidemia de cólera em Manchester. Com efeito, quando esta epidemia se começou a aproximar, apoderou-se da burguesia desta cidade um medo generalizado. De repente lembraram-se das habitações insalubres dos pobres, e tremeram com a certeza de que cada um destes bairros miseráveis ia constituir um foco de epidemia, a partir do qual esta estenderia as suas razias em todos os sentidos para as residências da classe exploradora. Designaram uma comissão de higiene para investigar estes bairros e remeter ao Conselho Municipal um relatório exacto sobre a sua situação<sup>99</sup>. O Dr. Kay, ele próprio membro da comissão, que visitou especialmente cada distrito de polícia, com excepção do décimo primeiro, fornece-nos alguns extractos do seu relatório. Ao todo foram inspeccionadas 6 951 casas, naturalmente apenas em Manchester, com exclusão de Salford e outros arredores; 6 565 tinham necessidade urgente de serem caídas interiormente, em 960 tinham sido negligenciadas as necessárias reparações (*were out of repair*); 939 eram desprovidas de instalações de escoamento suficientes, 1 435 eram húmidas, 452 mal arejadas, 2 221 desprovidas de retrete. Das 687 ruas inspeccionadas, 248 não estavam pavimentadas, 53 só o estavam parcialmente, 112 mal arejadas, 352 continham charcos estagnados, montes de lixo, detritos e outros dejectos<sup>100</sup>. É evidente que era praticamente impossível limpar estes estábulos de Augias antes de chegar a cólera. Foi por

<sup>99</sup> Comissão designada em Novembro de 1831, cujas conclusões confirmaram, no essencial, as do relatório da polícia.

<sup>100</sup> Engels parece ter utilizado simultaneamente para esta passagem as obras de Kay, p. 31, GASKELL: *op. cit.*, p. 134 e A. SLANEY: *State of Poorer Classes in Great Towns*, 1840, p. 18.

isso que se contentaram em limpar alguns dos piores recantos e deixaram o resto como estava. Diga-se de passagem que alguns meses mais tarde os locais limpos já estavam no mesmo estado de sordidez, como o prova a *Pequena Irlanda*. Quanto ao interior destes alojamentos, a mesma comissão diz deles pouco mais ou menos o que já sabemos de Londres, Edimburgo e outras cidades.

Frequentemente, todos os membros de uma família irlandesa estão amontoados numa única cama; frequentemente é um monte de palha seca e de cobertores feitos com velhos sacos que os cobre a todos numa confusa amálgama de seres, que a necessidade, o embrutecimento e o desemprego rebaixam do mesmo modo. Os inspectores encontraram muitas vezes 2 famílias numa casa de duas divisões. Uma delas servia de quarto de dormir para todos, a outra era a casa de jantar e a cozinha em comum. Frequentemente mais do que uma família habitava numa cave húmida onde doze ou dezasseis pessoas estavam amontoadas numa atmosfera pestilenta. A esta e outras fontes de doença juntava-se o facto de se criarem aí porcos, além de se encontrarem outros aspectos da mais revoltante natureza<sup>101</sup>.

Falta acrescentar que numerosas famílias, elas próprias só possuindo uma divisão, recebem aí pensionistas e hóspedes de noite a troco de uma remuneração; que, para além disso, é frequente pensionistas dos dois sexos deitarem-se na mesma cama de casal; que, por exemplo, segundo o *Relatório sobre o Estado Sanitário da Classe Operária*<sup>102</sup> foi constatado pelo menos seis vezes em Manchester o caso de um homem, da mulher e da cunhada adulta que dormiam na mesma cama. Os dormitórios também são muito numerosos aqui; o Dr. Kay fixa-lhes o número em 207 na própria Manchester, em 1831, e desde então devem ter aumentado sensivelmente. Cada um alberga vinte ou trinta hóspedes, num total geral de cinco a seis mil pessoas todas as noites. O carácter destas casas e dos seus clientes é igual ao das outras cidades. Cinco a sete colchões estão deitados no chão em cada quarto, sem camas, e instalam-se aí tantas pessoas quantas houver, todas à mistura. Escusado será dizer que ambiente físico e moral reina nestes antros de vício. Cada uma destas casas é um centro de crime e teatro

<sup>102</sup> KAY: *op. cit.*, p. 32 (F.E.).

<sup>101</sup> Testemunho de JAMES RIDDEL WOOD, pp. 124-125.

de actos que revoltam a humanidade e que nunca teriam sido perpetrados sem esta centralização imposta de imoralidade. Segundo Gaskell <sup>22</sup>, o número de indivíduos que vivem em caves na própria cidade de Manchester é de 20 000. O *Weekly Dispatch* indica «segundo relatórios oficiais» o número de 12 % da classe operária, o que parece corresponder a este número; sendo o número de trabalhadores, por alto, 175 000, 12 % são 21 000 <sup>23</sup>. Nos arredores as habitações em caves são pelo menos igualmente numerosas e assim o número de pessoas que vivem em caves no aglomerado de Manchester eleva-se pelo menos a 40 ou 50 000. Eis o que se pode dizer dos alojamentos operários nas grandes cidades. A maneira como é satisfeita a necessidade de abrigo é um critério para a maneira como o são todas as outras necessidades. É fácil concluir que só uma população esfarrapada, mal alimentada, pode morar nestes sujos covis. E, na realidade, é o que acontece. As roupas dos operários, na maior parte dos casos, estão em muito mau estado. Os tecidos utilizados para o seu fabrico já não são os mais apropriados; a tela e a lã quase que desapareceram do guarda-roupa dos dois sexos, sendo substituídas pelo algodão. As camisas são em pano de algodão, branco ou colorido; do mesmo modo, as roupas das mulheres são de chita indiana e raramente

<sup>22</sup> P. GASKELL: *The Manufacturing Population of England, its Moral, Social and Physical Condition, and the Changes which have arisen from the Use of Steam Machinery; with an Examination of Infant Labour. Fiat Justitia.* (A População dos Operários de Fábricas em Inglaterra, o seu Estado Moral, Social e Físico e as Mudanças Causadas pela Utilização de Máquinas a Vapor. Com um Inquérito sobre o Trabalho das Crianças. Seja feita Justiça) 1833. Descreve principalmente a situação dos operários do Lancashire. O autor é um liberal, mas escrevia numa época em que o liberalismo ainda não implicava louvar a felicidade dos operários. E por isso que ainda não tem ideias preconcebidas e ainda tem o direito de ver os males do regime vigente, em particular os do sistema industrial. Em contrapartida, também escreve antecipando-se ao *Factories Inquiry Commission* (Comissão de Inquérito sobre as Fábricas) e retira de fontes duvidosas muitas afirmações ulteriormente refutadas pelo relatório da Comissão. A obra, embora boa no seu conjunto, deve por conseguinte — e também porque, tal como Kay, o autor confunde a classe operária em geral com a classe operária das fábricas — ser utilizada com precaução em questões de pormenor. A história da evolução do proletariado que vimos na introdução é, em grande parte, retirada desta obra (F. E).

<sup>23</sup> *Weekly Dispatch*, n.º 2219 de 5 de Maio de 1844. Um relatório oficial de 1838 e SLANEY: *op. cit.* p. 19, dão-nos o mesmo número.

se vê secar roupa interior de lã. Os homens usam na maior parte das vezes calças de veludo ou de qualquer outro pesado tecido de algodão e casacos e fatos do mesmo pano. O fato de veludo de algodão (*fustian*) tornou-se mesmo o fato típico dos operários; *fustian-jackets* é assim que se ouve chamar aos operários, é assim que estes se chamam a si próprios por oposição aos Senhores vestidos de lã (*broad-cloth*), expressão também utilizada para designar a classe média. Quando Feargus O'Connor, o chefe dos Cartistas, veio a Manchester durante a insurreição de 1842 <sup>24</sup>, apareceu com um fato de veludo de algodão perante os aplausos arrebatados dos operários. Em Inglaterra, o uso dos chapéus está generalizado, mesmo entre os operários; têm as mais diversas formas: redondos, cónicos ou cilíndricos, com abas largas, estreitas ou sem abas. Nas cidades industriais só os jovens usam bonés. Quem não tem chapéu, fabrica um gorro baixo e quadrado, de papel.

Todas as roupas dos operários, mesmo supondo que estejam em bom estado, são muito pouco adaptadas ao clima. O ar húmido de Inglaterra que, mais do que qualquer outro, provoca resfriamentos, obriga quase toda a classe média a trazer por cima da pele roupa de flanela, sendo generalizado o uso de cachecóis e camisas de flanela. A classe operária não só desconhece esta precaução, como também quase nunca tem possibilidades de arranjar roupa de lã. Ora, os pesados tecidos de algodão mais espessos, mais rígidos e mais densos que as fazendas de lã, protegem apesar de tudo muito menos do frio e da humidade. A espessura e a natureza do tecido fazem com que elas conservem muito tempo a humidade e, ao fim e ao cabo, não têm a impermeabilidade da lã pisoadada. E quando um dia o operário pode adquirir um fato de pano para o Domingo, tem de ir às lojas mais baratas onde lhe fornecem um mau tecido chamado *devil's dust* <sup>25</sup> que «só é feito para ser vendido e não para ser usado» e que se rasga ou gasta ao fim de quinze dias. Ou então tem de comprar em segunda mão um velho fato meio coçado, que já deu o que tinha a dar e que só lhe dura algumas

<sup>24</sup> Em Agosto de 1842, os operários ingleses tentaram desencadear uma greve geral em várias regiões industriais (principalmente Lancashire e Yorkshire). Nalgumas cidades produziram-se no decorso da greve recontros violentos entre grevistas e tropas ou forças da polícia.

<sup>25</sup> «Poeira do diabo»: Tecido à base de fibras de lã de má qualidade.

semanas. Devemos ainda referir o mau estado do guarda-roupa da maior parte das pessoas e, de tempos a tempos, a necessidade em que se vêm de pôr as suas melhores roupas numa casa de penhores. Contudo, para um grande número, principalmente de ascendência irlandesa, as roupas são verdadeiros farrapos, muitas vezes impossíveis de remendar ou cuja cor original é impossível de reconhecer, tantas vezes foram remendadas. Contudo, os ingleses, ou os anglo-irlandeses, continuam a remendá-las e tornaram-se mestres nesta arte; lã ou tela sobre veludo de algodão ou vice-versa, pouco lhes importa; quanto aos autênticos emigrantes irlandeses, quase nunca remendam, salvo em caso de extrema necessidade, quando as roupas ameaçam esfarrapar-se; é vulgar vê-los com bocados de camisa que passam através dos rasgões do casaco ou das calças; trazem, como diz Thomas Carlyle <sup>66</sup>:

Um fato de farrapos: vesti-lo ou despi-lo representa uma das operações mais delicadas à qual só se procede nos dias de festa e em momentos particularmente favoráveis.

Os irlandeses também importaram o hábito, outrora desconhecido dos ingleses, de andarem descalços. Actualmente vemos em todas as cidades industriais um grande número de pessoas, sobretudo crianças e mulheres, que circulam descalços e pouco a pouco este hábito também se propagou aos ingleses pobres.

O que é verdade para as roupas, também o é para a alimentação. Aos trabalhadores cabe o que a classe possuidora acha excessivamente mau. Nas grandes cidades inglesas pode-se ter tudo e da melhor qualidade, mas isso sai muito caro; o trabalhador que precisa de se alojar e alimentar com uns escassos escudos, não pode gastar tanto. Além disso, na maior parte dos casos, ele só é pago ao sábado à noite; passaram a pagar à sexta-feira; mas esta excelente iniciativa ainda não está generalizada e é por isso que só chega ao mercado ao sábado à tarde às cinco ou mesmo sete horas, enquanto que a classe média já recolheu o que havia de melhor. De manhã, o mercado regurgita com as melhores coisas, mas quando os operários chegam o melhor acabou, e mesmo que

<sup>66</sup> Thomas CARLYLE: *Charlism*, Londres, 1839, p. 28.

tivesse sobrado, não o poderiam comprar. Frequentemente, as batatas que os operários compram são de má qualidade, os legumes estão murchos, o queijo velho é medíocre, o toucinho rançoso, a carne magra, velha, dura, proveniente muitas vezes de animais doentes ou cansados, e mesmo meia podre. Frequentemente, os vendedores são pequenos retalhistas que compram mercadorias ordinárias em quantidade e as revendem muito baratas precisamente devido à sua má qualidade. Os trabalhadores mais pobres têm que se desembaraçar de outro modo para se safarem com o seu pouco dinheiro, mesmo quando os artigos que compram são da pior qualidade. Com efeito, como à meia-noite de sábado as lojas têm de fechar e nada pode ser vendido ao domingo, os restos que se estragariam se tivessem de esperar até segunda de manhã são liquidados a preços ridículos entre as dez e a meia-noite. Mas nove décimos do que não foi vendido até às dez horas já não é comestível no domingo de manhã, são precisamente estes restos que constituem a ementa dominical da classe mais miserável. A carne que é vendida aos operários é frequentemente intragável mas, posto que a compraram, têm de a comer.

A 6 de Janeiro de 1844 <sup>67</sup> (senão me engano), houve uma sessão do tribunal de comércio de Manchester no decurso da qual foram condenados onze carneiros por terem vendido carne imprópria para consumo. Cada um deles possuía ainda um boi ou um porco inteiros, ou vários carneiros ou ainda vinte ou vinte e cinco quilos de carne que foram apreendidas, tudo no mesmo estado. Em casa de um deles foram confiscados 64 gansos de Natal recheados, que não tinham sido vendidos em Liverpool, tinham sido transportados para Manchester, onde chegaram ao mercado estragados e a cheirar mal.

Esta história apareceu na altura no *Manchester Guardian* <sup>68</sup> com os nomes e o montante da multa. Durante as seis semanas do 1.º de Julho ao 14 de Agosto, o mesmo jornal relata três casos semelhantes. Segundo o número de 3 de Julho, foi confiscado em Heywood um porco de

<sup>67</sup> Na realidade, o processo é relatado no número de 10 de Maio de 1843 do *Manchester Guardian*, cf. igualmente *The Court Leet Records of the Maner of Manchester*, vol. 12 (1832-1846), pp. 191-223.

<sup>68</sup> O *Manchester Guardian*, que se publica em Manchester desde 1821, foi primeiro o órgão dos comerciantes livres e mais tarde tornou-se o jornal do partido liberal.

200 libras morto e estragado, que tinha sido esquarterado num talho e posto à venda; segundo o de 31, dois carneiros de Wigon, dos quais um já tinha sido acusado pelo mesmo delito anteriormente, foram condenados a duas e quatro libras esterlinas de multa por terem posto à venda carne imprópria para consumo e, segundo o número de 10 de Agosto, foram apreendidos numa mercearia de Bolton vinte e seis presuntos intragáveis, que foram queimados publicamente; o comerciante foi condenado a uma multa de 20 xelins. Mas isto não nos dá conta de todos os casos, e nem sequer representa para estas seis semanas uma média segundo a qual pudéssemos calcular uma percentagem anual. Acontece frequentemente que cada número do *Guardian*, que aparece duas vezes por semana, relata um facto análogo em Manchester ou no distrito industrial vizinho. E quando pensamos no número de casos que devem ter lugar nos vastos mercados que ladeiam as compridas ruas e que devem escapar às raras incursões dos inspectores dos mercados — doutra maneira como se explicaria o descaramento com que estas peças inteiras de gado são postas à venda? — quando pensamos como deve ser grande a tentação, dado o montante incompreensivelmente baixo das multas, quando pensamos em que estado deve estar um bocado de carne para que seja declarado completamente impróprio para o consumo e confiscada pelos inspectores — é impossível acreditar que, em geral, os operários possam comprar uma carne sã e nutritiva. Contudo, eles ainda são vigarizados de outra maneira pela cupidez da classe média. Os merceiros e os fabricantes falsificam todos os géneros alimentícios de uma maneira insuportável, com completo desprezo pela saúde dos que os devem consumir. Mais acima demos a palavra ao *Manchester Guardian*, escutemos agora outro órgão da classe média (gosto de me servir do testemunho dos meus adversários), os jornal *Liverpool Mercury*<sup>69</sup>:

Vendem manteiga salgada em vez de manteiga fresca, quer untando os montículos de manteiga fresca, quer colocando no cimo da montra meio quilo de manteiga fresca, para provar, e vendendo por baixo desta amostra quilos de manteiga salgada, quer retirando o sal pela lavagem e vendendo em seguida a manteiga como se

<sup>69</sup> *Liverpool Mercury*, 9 de Fevereiro de 1844, p. 46. Engels não cita com muita exactidão. Resume e traduz o conteúdo do artigo, nem sempre à letra.

fosse fresca. Misturam ao açúcar arroz pulverizado ou outros géneros baratos que vendem a preços altos. Os resíduos das fábricas de sabão também são misturados com outras mercadorias e vendidos como açúcar. Misturam chicória ou outros produtos baratos ao café moído; chegam mesmo a misturá-los ao café em grão, dando à mistura a forma de grão de café. Frequentemente misturam ao cacau terra escura e fina, que está envolvida em banha de carneiro, para mais facilmente se misturar com o verdadeiro cacau. Juntam ao chá folhas de ameixocira e outros restos, ou então secam folhas de chá que já serviram, tostando-as sobre placas de cobre muito quentes para que retómem a cor, e vendem-nas como chá fresco. A pimenta é falsificada por meio de cascas em pó, etc.... O vinho do Porto é literalmente falsificado (a partir de correntes, álcool, etc.), porque é notório que se bebe mais em Inglaterra do que todo o que é produzido em Portugal; o tabaco é misturado com matérias repugnantes de toda a espécie, seja qual for a forma como este produto é posto à venda.

Posso acrescentar que, devido à falsificação geral do tabaco, vários fornecedores de Manchester, entre os mais considerados, declararam publicamente no ano passado que dadas estas falsificações generalizadas nenhuma firma se poderia manter sem elas e que nenhum cigarro, cujo preço seja inferior a três pence, contém tabaco puro<sup>70</sup>. Claro que não se limitam às fraudes com produtos alimentares e poderia citar mais uma dúzia delas, entre outras a prática infame que consiste em misturar giz ou gesso à farinha<sup>71</sup>. Fazem-se fraudes com todos os artigos, esticam a flanela, as meias, etc.... para as fazerem parecer maiores e elas encolhem com a primeira lavagem; um corte de fazenda estreita é vendido por um corte de mais polegada e meia ou três polegadas<sup>72</sup>, a louça está coberta com um esmalte tão delgado, que praticamente não é esmaltada e estala facilmente, e mais cem ignomínias, *tout comme chez nous*<sup>73</sup>. Mas os princí-

<sup>70</sup> Os jornais da época apontam casos muito frequentes de intervenção dos serviços alfandegários contra estes falsificadores, o que prova a importância da fraude, cf. *Manchester Guardian*, 14 de Fevereiro, 27 de Abril 1844, *Liverpool Mercury*, 6, 22 de Setembro de 1844.

<sup>71</sup> *Liverpool Mercury*, 12 de Julho, 19 de Julho, e 2 de Agosto de 1844.

<sup>72</sup> A polegada equivale a 2,54 cm, a fraude é pois de quatro a oito centímetros de largura do retalho.

<sup>73</sup> (Tal como entre nós). Em francês no texto.

pais prejudicados com estes logros são os trabalhadores. O rico, esse não é enganado, porque pode pagar os altos preços dos ricos armazéns que devem zelar pelo seu bom nome e que se prejudicariam principalmente a si próprios se vendessem mercadoria de baixa qualidade ou adulterada: o rico, estragado pela boa comida, descobre mais facilmente a fraude graças à finura do seu paladar. Todos os géneros falsificados ou até envenenados estão destinados ao pobre, ao operário, para quem alguns tostões já representam muito, que tem de comprar muitas coisas com pouco dinheiro, que não tem nem o direito nem a possibilidade de reparar na qualidade, porque nunca teve oportunidade de afinar o paladar. Tem de ir às mercearias que, em virtude do seu pequeno capital e das suas despesas gerais bastante importantes, nem sequer podem vender tão barato e com a mesma qualidade que os retalhistas mais importantes e são constrangidos a fornecerem, conscientemente ou não, géneros adulterados por causa dos preços baixos que lhes pedem e da concorrência dos outros. Por outro lado, se para um grande retalhista, que tem muito capital envolvido no negócio, a descoberta de uma fraude significa a ruína porque lhe faz perder todo o crédito, que importa a um pequeno merceeiro, que fornece uma única rua, ser acusado de fraude! Se não confiam nele em Ancoats, vai-se embora para Chorlton ou Hulme, onde ninguém o conhece e recomeça a fazer fraudes; só estão previstas penas legais para um número restrito de fraudes, excepto se forem acompanhadas por fraudes fiscais. Mas não é só na qualidade mas também na quantidade que o trabalhador inglês é enganado. Na maior parte dos casos, os pequenos merceeiros têm falsas medidas e falsos pesos, e todos os dias podemos ler nos relatórios da polícia um número inacreditável de contravenções por delitos deste género. A que ponto as fraudes deste tipo estão generalizadas nos bairros das fábricas, é o que se verá por alguns extractos do *Manchester Guardian*. Referem-se apenas um curto lapso de tempo, e mesmo para este período não possuo todos os números:

*Guardian* de 16 de Junho de 1844. Sessões do tribunal de Rochdale — quatro merceeiros são multados de cinco a dez xelins por uso de pesos demasiado leves. Sessões de Stockport: dois merceeiros condenados a uma multa de um xelim: um deles tinha sete pesos demasiado leves e um prato da balança falsificado, e já ambos tinham sido advertidos.

*Guardian*, 19 de Junho, sessões de Rochdale: um merceeiro condenado a uma multa de cinco xelins, e dois camponeses condenados a pagar dez xelins.

*Guardian*, 22 de Junho — Justiça da Paz de Manchester: dezanove merceeiros são punidos com multas de dois xelins e meio a duas libras.

*Guardian*, 26 de Junho — Sessão do tribunal de Ashton: 14 merceeiros e camponeses punidos com dois xelins e meio a uma libra esterlina de multa. Sessão do tribunal de Hyde: nove camponeses e merceeiros condenados a cinco xelins de multa.

*Guardian*, 6 de Julho — Manchester: 16 merceeiros condenados ao pagamento de custas e multas inferiores a dez xelins.

*Guardian*, 13 de Julho — Manchester: nove merceeiros punidos com multas de dois e meio a vinte xelins.

*Guardian*, 24 de Julho — Rochdale: quatro merceeiros punidos com multas de dez a vinte xelins.

*Guardian*, 17 de Julho — Bolton: doze merceeiros e hoteleiros condenados ao pagamento das custas.

*Guardian*, 3 de Agosto — Bolton: três merceeiros e hoteleiros multados com dois e meio a cinco xelins.

*Guardian*, 10 de Agosto — Bolton: um merceeiro-hoteleiro condenado a cinco xelins de multa.

E as mesmas razões pelas quais os operários são as principais vítimas das fraudes na qualidade explicam que também o sejam das fraudes na quantidade.

A alimentação habitual do trabalhador industrial varia, evidentemente, segundo o salário. Os mais bem pagos, principalmente os operários em que cada membro da família está apto a ganhar alguma coisa, têm, enquanto esta situação se mantiver, uma boa alimentação, carne todos os dias e, à noite, toucinho e queijo. Mas nas famílias que ganham menos, só há carne ao domingo ou duas ou três vezes por semana e, em contrapartida, há mais batatas e mais pão: se descermos gradualmente na escala verificamos que a alimentação de origem animal se reduz a alguns bocados de toucinho, misturados com batatas; ainda mais abaixo, até o toucinho desaparece, só fica o queijo, o pão, a farinha de aveia (*porridge*) e as batatas, até ao último grau, entre os irlandeses, cujo único alimento são as batatas. Em geral, com estes alimentos bebe-se um chá ligeiro, por vezes com um pouco de açúcar, leite, ou aguardente. O chá, na Inglaterra, e mesmo na Irlanda, passa por ser uma bebida tão necessária e indispensável como o café entre nós, e



as casas em que nem chá se bebe, são sempre o reino da mais negra miséria. Mas isto só é verdade se o trabalhador tem trabalho. Se não o tem, fica completamente à mercê da sorte, e come o que lhe dão, o que mendiga, ou o que rouba. E se não tem nada morre muito simplesmente de fome, como já disse anteriormente. É fácil de ver que tanto a quantidade como a qualidade da comida dependem do salário, e que, mesmo em período de pleno trabalho, a fome reina entre os trabalhadores mais mal pagos, sobretudo quando, para além disso, têm pesados encargos de família. Ora o número destes trabalhadores mal pagos é muito grande. Principalmente em Londres, onde a concorrência entre operários cresce na proporção directa da população, esta categoria é muito numerosa, mas também a encontramos em todas as outras cidades. Por isso recorre-se aí a todos os expedientes: comem-se, à falta de melhor alimento, as cascas das batatas, resíduos de legumes, vegetais apodrecidos<sup>14</sup>, e apanha-se ainda tudo o que possa conter um átomo que seja de produto comestível. E, quando o salário semanal se acaba antes do fim de semana, acontece frequentemente que a família, durante os últimos dias, já não tenha nada para comer ou tenha à justa para não morrer de fome. Evidentemente que semelhante modo de vida não pode deixar de originar numerosas doenças. Quando estas surgem, quando o homem, cujo trabalho sustenta a família e cuja actividade penosa exige mais alimentação — e por conseguinte sucumbe primeiro — quando esse homem adocece, é então que começa a grande miséria, é só então que, de maneira espantosa, se manifesta a brutalidade com que a sociedade abandona os seus membros, precisamente quando eles mais precisam da sua ajuda.

Para concluir, resumamos de novo os factos citados. As grandes cidades são habitadas principalmente por operários, visto que, na melhor das hipóteses, há um burguês para dois, por vezes três e nalguns sítios para quatro operários; estes operários nada possuem e vivem

<sup>14</sup> Weekly Dispatch, Abril ou Maio de 1844\*, segundo um relatório do Dr. Southwood Smith\*\* sobre a situação dos indigentes em Londres (F. E.).

\* Trata-se possivelmente do exemplar de 5 de Maio (cf. também, acerca deste relatório, Northern Star, 24 de Fevereiro).

\*\* O Dr. Southwood Smith era uma autoridade reconhecida nestas questões. Fez vários relatórios em 1838, 39 e 40 sobre o estado sanitário dos bairros pobres de Londres, durante as comissões oficiais. (Cf. R. A. LEWIS: Edwin Chadwick and the Public Health Movement 1832-1854, 1954, pp. 394-395).

do seu salário que na maior parte das vezes só permite subsistir no dia-a-dia. A sociedade, individualizada ao máximo, não se preocupa com eles, e deixa-lhes o cuidado de proverem às suas necessidades e da família; contudo, não lhes fornece os meios de o fazerem de forma eficaz e duradoura. Qualquer operário, mesmo o melhor, está pois constantemente exposto às privações, quer dizer, a morrer de fome, e um bom número sucumbe. Regra geral, as casas dos trabalhadores estão mal implantadas, mal construídas, mal conservadas, mal arejadas, húmidas e insalubres; nelas, os habitantes estão confinados a um espaço mínimo e, na maior parte dos casos, numa divisão dorme pelo menos uma família inteira. O arranjo interior das casas é miserável; chega-se num certo grau à ausência total dos móveis mais indispensáveis. As roupas dos trabalhadores também são, regra geral, mediocres e estão frequentemente esfarrapadas. A comida é geralmente má, muitas vezes imprópria para consumo, em muitos casos, pelo menos em certos períodos, insuficiente e, no extremo, há pessoas que morrem de fome. A classe operária das grandes cidades apresenta-nos pois um leque de modos de vida diferentes. No melhor dos casos, uma existência momentânea suportável: para um trabalho duro, bom alojamento e comida menos má (do ponto de vista do operário, evidentemente, tudo isto é bom e suportável); no pior dos casos, uma miséria cruel pode ir até à ausência do fogo e casa e à morte pela fome; mas a média está muito mais próxima do pior do que do melhor dos casos. E não julgemos que esta gama de operários se limita a categorias fixas que nos permitiriam dizer: esta fracção da classe operária vive bem, aquela mal, sempre foi e será assim. Pelo contrário, se por vezes isso acontece, se certos sectores isolados ainda gozam de certa vantagem sobre outros, a situação dos operários em cada ramo é tão instável, que qualquer trabalhador pode ter de percorrer todos os degraus da escala, do relativo conforto à extrema necessidade, e até correr o perigo de morrer de fome; de resto, quase não há operário inglês que não tenha muito que dizer sobre os consideráveis revezes da fortuna. São as causas desta situação que agora iremos examinar mais de perto.